

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MARCOS SERGIO SILVA DA SILVA  
201510540017**

**ORIENTADOR: PAULO HENRIQUE FAÇANHA DE MIRANDA**

**RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: A AFINIDADE ENTRE A REFORMA PROTESTANTE, EDUCAÇÃO E A  
SECULARIZAÇÃO DA ESCOLA NA MODERNIDADE.**

**Belém, 19/12/2018, – PA**

**BELÉM – PA  
2018**

## **RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: A AFINIDADE ENTRE A REFORMA PROTESTANTE, EDUCAÇÃO E A SECULARIZAÇÃO DA ESCOLA NA MODERNIDADE.**

**MARCOS SERGIO SILVA DA SILVA (201510540017)**

**RESUMO:** No século XVI, a escola recebe um novo impulso: à reforma protestante. As cartas e sermões de Lutero com o fim de incentivar tanto os príncipes a criarem escolas como aos pais para mandarem seus filhos à escola além da parte pedagógica da reforma com o fim de colocar a bíblia na mão do povo colocou a escola em um novo patamar nas localidades por ela alcançadas. Organizada por Melanchthon, depois reestruturada na didática Comenius à escola no ocidente agora se amplia em seus estudos e não somente em âmbitos religiosos, mas científicos. Contudo, com o avanço da ciência e a nova ideia de “neutralidade na educação” procuraram dissolver o espaço da religião na escola. Apresentada como ideologia, a religião se reestrutura em outros ambientes pedagógicos e a escola segue seu rumo à procura de valores e autoridade fora da religião. Todavia, sua procura na era moderna de princípios próprios pode ter se configurado no mesmo que ela criticava.

**Palavra Chave:** Reforma, Lutero, Neutralidade, educação. Ideologia.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARCOS SERGIO SILVA DA SILVA (201510540017)**

**MODERNIDADE E EDUCAÇÃO: A afinidade entre a Reforma Protestante,  
educação e a secularização da escola na modernidade.**

**BELÉM/PA**

**2018**

**MARCO SERGIO SILVA DA SILVA (201510540017)**

**RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: A afinidade entre a Reforma Protestante, educação e a secularização da escola na modernidade.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como exigência para obtenção  
do título de Licenciado em Pedagogia pela  
Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> Paulo de Miranda  
Façanha

**BELÉM/PA**

**2018**

**MARCOS SERGIO SILVA DA SILVA (201510540017)**

**RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: A afinidade entre a Reforma Protestante, educação e a secularização da escola na modernidade.**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profª Orientador Drº Paulo Henrique Façanha de Miranda

Campus Universitário de Belém/ UFPA

---

Profª Drº Fernando Augusto de Oliveira e Silva Filho

Campus Universitário de Belém/ UFPA

---

Profª Msc Wilson da Costa Barroso

Campus Universitário de Belém/ UFPA

**BELÉM/PA**

**2018**

## **DEDICATÓRIA**

A minha família dedico este trabalho, ela na qual me ajudou e incentivou nessa obra.

A Universidade Federal do Pará pelas portas abertas, pela liberdade, pela Democracia.

Aos jovens da AD Porta do céu, AD em Icoaraci e a AD bom jardim III que lutem e cresçam na graça e no conhecimento; conseqüentemente a todos os jovens universitários que leram este trabalho.

Aos meus amigos mais chegados que irmãos que estão espalhados por Belém do Pará.

Aos meus parentes que não são de sangue mais sim de alma.

## **AGRADECIMENTO**

Agradecimentos a Deus pela força, consolo e conhecimento.

Agradecimento especial ao meu orientador Prof. DR<sup>a</sup> Paulo Miranda Façanha, um ótimo orientador e docente, obrigado pela liberdade na escrita.

Nesse momento de agradecimento, não posso deixar minha família: minha mãe Liliane de Oliveira Silva, meu pai Marcos Paulo Chagas da Silva, irmãos, tios e tias que colaboraram tanto financeiramente como em conselhos, obrigado.

Gostaria de agradecer a meus colegas de classe que me ajudaram e colaboraram, prioritariamente: Luís Otavio, Eunice lima, Jhonata Costa, Renata Kelly, Anilson Pinto e outros.

Agradecer também a alguns professores e alunos da UFPA, que me ensinaram literaturas pertinentes a este trabalho no âmbito da filosofia, sociologia e história. Literaturas estas que me ajudaram a desenvolver este trabalho.

Ao amigos do grupo de pesquisas GPeducem que serão ótimos profissionais da educação.

À todos os professores do curso que direta ou indiretamente me ajudaram neste trabalho de conclusão de curso.

Non minus est negligee scholarem quam corrumpere virginem" - "Negligenciar um estudante não é crime menor do que violentar uma virgem",

**(Lutero)**



## **RESUMO**

No século XVI, a escola recebe um novo impulso: à reforma protestante. As cartas e sermões de Lutero com o fim de incentivar tanto os príncipes a criarem escolas como aos pais para mandarem seus filhos à escola além da parte pedagógica da reforma com o fim de colocar a bíblia na mão do povo colocou a escola em um novo patamar nas localidades por ela alcançadas. Organizada por Melanchthon, depois reestruturada na didática Comenius à escola no ocidente agora se amplia em seus estudos e não somente em âmbitos religiosos, mas científicos. Contudo, com o avanço da ciência e a nova ideia de “neutralidade na educação” procuraram dissolver o espaço da religião na escola. Apresentada como ideologia, a religião se reestrutura em outros ambientes pedagógicos e a escola segue seu rumo à procura de valores e autoridade fora da religião. Todavia, sua procura na era moderna de princípios próprios pode ter se configurado no mesmo que ela criticava.

**PALAVRAS-CHAVE: Reforma, Lutero, neutralidade, educação, ideologia.**

## **ABSTRACT**

In the sixteenth century, the school received a new impetus: the Protestant Reformation. Luther's letters and sermons to encourage both princes to create schools and parents to send their children to school beyond the pedagogical part of the reform in order to put the bible in the hands of the people put the school on a new level in the locations it has reached. Organized by Melanchthon, then restructured in the didactic Comenius to the school in the West now extends in its studies and not only in religious, but scientists. However, with the advancement of science and the new idea of "neutrality in education" have sought to dissolve the space of religion in school. Presented as ideology, religion restructures itself to other pedagogical environments and the school goes on the search for values and authority outside of religion. However, her quest in the modern age for her own principles may have set in the way she criticized.

**KEYWORDS:** Reformation, Luther, neutrality, education, ideology

## SUMÁRIO

<b><u>1 INTRODUÇÃO</u></b>	<b>12</b>
<b><u>2- REFORMA PROTESTANTE E EDUCAÇÃO</u></b>	<b>19</b>
<b><u>2.2- O caráter pedagógico a reforma.</u></b>	<b>24</b>
<b><u>2.3- A estrutura escolar na reforma</u></b>	<b>27</b>
<b><u>2.4- A impulso literário</u></b>	<b>27</b>
<b><u>2.5- Comenius e a educação</u></b>	<b>29</b>
<b><u>2.5.1- A Escola Materna</u></b>	<b>30</b>
<b><u>2.5.2- Escola Vernácula</u></b>	<b>30</b>
<b><u>2.5.3- Escola Latina</u></b>	<b>30</b>
<b><u>2.5.4- Universidade</u></b>	<b>31</b>
<b><u>2.6- A concepção pedagógica de Comenius</u></b>	<b>31</b>
<b><u>2.6- O abandono da pedagogia protestante</u></b>	<b>32</b>
<b><u>3.1- Conceituando Religião</u></b>	<b>34</b>
<b><u>3.2- Introdução à Era Moderna</u></b>	<b>37</b>
<b><u>3.3- Protestantismo e Modernidade</u></b>	<b>41</b>
<b><u>3.4- Weber e o Protestantismo</u></b>	<b>42</b>
<b><u>4- O HUMANO E O SAGRADO</u></b>	<b>44</b>
<b><u>4.1- Berger e a Secularização</u></b>	<b>48</b>
<b><u>4.2- Uma Ciência Religiosa.</u></b>	<b>50</b>
<b><u>CONCLUSÃO</u></b>	<b>53</b>
<b><u>REFERÊNCIAS</u></b>	<b>56</b>
<b><u>BIBLIOGRAFIAS RECOMENDADAS</u></b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho irá se ocupar de um tema pouco estudado, porém, com a sua importância: Protestantismo e educação, a dessacralização da escola e a questão do sagrado na vida do homem. Ao estudar a construção da sociedade ocidental e a forma em que a mesma relaciona e produz conhecimento, algo chama a atenção neste cenário: o ideário Místico, a religião e seus dogmas racionalizados, isto, pelos diversos aspectos da vida social, política e científica particularmente, a ciência moderna. Com isso uma forma indissociável de educação, ética e do trabalho se estabelecem em estruturas de funcionamento e fixação dessa sociedade.

Contudo, aquele ideário dos séculos XVI e anteriormente, mediado pelo sagrado, estabelece os modelos e possivelmente a estrutura ética, a serem seguidas nestas sociedades. Com isso, começaremos abordar a religião com seus nexos e contribuições, construção da educação que hoje temos, mais precisamente o Cristianismo e dentro deste o Protestantismo e sua influência na cultura e educação do século XVI.

O desenvolvimento deste trabalho será conduzido não por período histórico, mas sim, por importância histórica em períodos diferentes. Precisamente a importância educacional dos protestantes, ou seja, sua influência na educação no século XVI e como a escola foi se desencantando. Procurar descobrir como esta escola se racionalizou e construiu seus próprios princípios.

Sabendo que com este movimento, a instrução de fato tinha a finalidade da leitura das escrituras, contudo perguntar-se em que este “saber ler o mundo” e esta cosmovisão afetaram a educação da sociedade? A ciência no Ocidente se desenvolveu de forma sem religião e como o sagrado permanece nela?

O modo de vida protestante/religioso construído na Alemanha com Lutero, na França com Zuínglio e na Suíça com Calvino e perpetuado por seus discípulos até os dias de hoje desenvolveu uma visão de mundo baseada na glorificação de Deus. Este ponto, negligenciado no ambiente educacional atual, precisamente no âmbito da História da educação, pode ter dado início ao movimento democrático no mundo e o estabelecimento de várias universidades mais a frente foram fundadas por protestantes como Harvard, Yale e Princeton. Centros

públicos de atendimento a sociedade civil como Cruz Vermelha e Cruz Azul (Lucie e Gisel, 2006).

Nos conceitos da vida moderna, o trabalho é importante para a sociedade e essa como forma de vida como forma de prevenção, proteção e benefício dos mais próximos, constituem alguma parte da ascensão do protestantismo apresentado por Weber em sua *Ética Protestante*. O objetivo do mesmo é mostrar a racionalidade e a influência no mundo moderno, seus prós e contras. (Weber, 2004).

O protestantismo, em suas múltiplas facetas, contribuiu com o avanço da educação pública nos chamados reinos protestantes do século XVI e com a afirmação do indivíduo no mundo moderno. Com este termo “Pedagogia Protestante”, refiro-me somente ao que procuro encontrar neste trabalho: uma visão educacional do protestantismo na história e uma forma curricular e como este fascínio do século XVI foi se esvaindo e procurando princípios próprios .

É possível levantar algumas questões: esse estudo não é muito “religioso” e pode não ter finalidades científica? Ou então, este estudo não tem base para ser algo educacional e nem plural em seu sentido de diversidade? E ainda, para que este estudo se ele não tem nada a ver com a Pedagogia? Contudo, por que não pesquisar?

Procurando bases na biblioteca do ICED/UFGA (Instituto de Ciência da Educação) para algo sobre o assunto não encontrei nenhum TCC sobre este assunto, e a pergunta é por que não fazer uma pesquisa sobre o protestantismo e sua influência em tantos pedagogos como: Comenius, Pestalozzi e Felipe Melancthon que na Alemanha é conhecido como o Preceptor da Alemanha ou o Pedagogo da Reforma? Se a pedagogia destes, como procurarei abordar neste estudo, influenciou cidade por décadas e está pedagogia com base na visão de mundo do protestantismo por que não conhecer?

A formação Europeia em forma de cultura foi sim por anos uma influência da pela cultura protestante, católica e muçulmana. Entre vários países, segundo Lucie e Gisel (2006, p. 621):

“Mesmo hoje, os países e as regiões da Europa permanecem profundamente marcados, ainda que de modo secularizado, por certas culturas confessionais: a Inglaterra Anglicana, a Escócia Presbiteriana, a Grécia Ortodoxa, a Itália e a Polónia Católicas, a Suécia e a Dinamarca Luteranas, a Rússia ortodoxa, a França e a Bélgica laicas e católicas, a Alemanha e Suíça Católicas e Protestantes, a Turquia Muçulmana, em muitas configurações, lembrando que a geografia europeia é uma geografia religiosa.”

O protestantismo ainda atinge as sociedades europeias assim como as demais religiões monoteístas do mundo e suas expansões atingiram a cultura e as aperfeiçoaram e transformaram as religiões consideráveis e de fato deve ser consideradas como culturas, ou seja, universos simbólicos que contribuem para estruturar o modo com que os indivíduos percebem sua existência individual e coletiva. (Idem, p. 621).

Essas representações continuam a informar a vida social e política. O ponto a ser levantado nesta monografia justifica-se primeiramente pela relevância que o protestantismo tem em minha vida e propor essa reflexão no mundo acadêmico bem diverso não é uma tarefa fácil, porém, me pareceu um grande desafio, devido ao estudo que venho desenvolvendo sobre (não com a profundidade a ser exposta aqui). Com isto, a decisão de compartilhar esta importância no meio acadêmico não se dá somente com a intenção de defender, mas sim criar um debate Científico.

Proposto isto, demonstrar a necessidade desta defesa aos nossos estudantes de pedagogia não somente de cunho protestante que em alguns casos, acabam por se intimidar mediante conceitos ou teorias, e apenas teorias, ou mesmo apenas a opinião particular de professores. Tive o enorme desprazer de presenciar em uma das minhas aulas a busca pela liberdade científica ao expor sobre a importância da leitura e da pesquisa e o aprisionamento da visão religiosa fazendo uma alusão da diferença entre a realidade e ficção, onde o mesmo pergunta vocês acreditam em Deus? E depois de receber a resposta da turma, declara: Deus é a maior ficção que existe! Por estes e estes argumentos. De maneira nenhuma posso aceitar essa falsa liberdade contida em cérebros diminutos que exploram um sentido ou visão de mundo demasiadamente incompatível com a democracia participativa tão bem aceita na universidade.

Não gostaria também de mencionar os vários comentários desproporcionais escritos em algumas paredes dessa universidade, como: “Deus seja viadex”, cobrindo um “deus seja viado”. Logicamente, não gostariam de discutir a sexualidade divina, porém, menosprezar uma “cultura atrasada que oprime a liberdade”. Essa forma de expressão demonstra a liberdade querer ser conquistada por atitudes como essa. De tudo isto, conheço os limites da Religião em si e sei dos seu “atrapalhos” a pontos de vista, contudo seus argumentos podem ter alguma benefício à sociedade e a educação.

Tudo isso sem contar os acontecimentos na sociedade, como por exemplo, a Jornada Mundial da Juventude, ocorrida no Rio de Janeiro em Junho de 2013, que enquanto o Papa

ministrava a reunião pessoas mostravam seu desrespeito masturbando-se com crucifixos. Não que estas pessoas não tivessem moral ou ética, porém, não respeitavam as que estavam em anúncio naquele momento.

Não me parece que a universidade é antirreligiosa, muito pelo contrário, seria uma disposição de mudança de paradigma, ou seja, mudança de religião que assim como o protestantismo conduziu na reforma uma “substituição”, assim a secularização apresenta algo parecido, contudo, expõe uma intolerância.

Não me refiro aos ensinamentos baseados na ciência em si, a saber, as disciplinas e conteúdos propostos, mas, comentários infelizes que predispõem conceitos equivocados do cristianismo que desencadeiam em um elemento de falta de sensibilidade e responsabilidade de uma figura pública. O protestantismo, como forma e direção de vida em uma esfera além do natural, propõe a seus adeptos de forma intuitiva a necessidade de sempre rever conceitos e firmar os seus dogmas. Como foi um dos lemas da Reforma Protestante: *Ecclesia reformata et semper reformata et*, ou seja, Igreja reformada sempre em Reforma.

Um ponto importante deste tema compõe a esfera intelectual no qual se dará da falta de pesquisa sobre o assunto proposto dentro das universidades federais brasileiras. Poucos são (até o momento) os trabalhos, artigos, com algumas monografias que comentam e pouquíssimas teses e dissertações, sendo a maioria encontrada em universidades confessionais. Livros são em sua grande e esmagadora maioria produzidas por editoras privadas de cunho religioso. O conceito intelectual do protestantismo discute e muitos assuntos acadêmicos e exploram suas visões de mundo, contudo sua produção científica reconhecida pela CAPES no Brasil é escassa. Em uma pesquisa rápida, o Capes compõe cerca de 90 trabalhos sobre protestantismo e educação, porém, propriamente de educação, pedagogia e protestantismo apenas 11, 9 artigos e 2 TCCs em todo o Brasil.

Vejo neste tema uma enorme relevância à universidade e a educação em si, não somente devido a algumas universidades europeias como Yale e Princeton serem de raiz reformada (sem contar os colégios, já que na posição de Lutero “ao lado de toda a igreja deve criar-se uma escola”), foram criadas com o intuito de sistematizar e produzir conhecimento do mundo mediante uma cosmovisão protestante, mas sim, pela sua gênese ao direito de liberdade, democracia e educação. Possivelmente com colaboração da Reforma há 500 anos, alguns lugares foram afetados e princípios estes que propiciaram as grandes revoluções citadas aos montes nas universidades, a Revolução Francesa é exemplo disso.

Com isto, sua visão de mundo e sua cultura assim como as demais “oprimidas” não podem ser menosprezadas nas universidades dos quais são vistas apenas como algo religioso que aprisiona o povo na Superstição (pensa-se em Espinosa), porém, com raízes científicas, (até porque não é só a universidade que produz ciência).

Posto isto, percebe-se o protestantismo, não como o “o ópio da sociedade”, mas sim, como parte integrante e importante no desenvolvimento da mesma, pode e deverá ser enxergado com outros pontos de vista pela comunidade acadêmica. A importância no ocidente da ciência como “explicador de fenômenos” não é produzida somente por nacionais sem vínculo religioso mais também por vinculados às mais diversas religiões, para citar alguns, Copérnico, Newton, Gauss, Thomas Edson, etc. Sendo que possivelmente sua pesquisa será influenciada por sua fé.

A UFPA como eixo fundamental de ciência no Pará não pode ser indiferente em torno do conhecimento das relações socialmente produzidas pelos vinculados ao “mito chamado deus”. Muito pelo contrário produzir um conhecimento racional sobre esta sociedade que em suas vertentes comemora sempre o Círio de Nazaré há 300 anos e outros o aniversário das Assembleias de Deus há 107 anos, ambas os eventos comemorados anualmente e que este iniciaram aqui e se espalharam pelo Brasil atraindo no período das festividades inúmeras turistas. Sem contar as festividades dos santos católicos e de religiões com matriz Africana que são partes das sociedades e que mobilizam a população festiva.

Sabendo da delicadeza do tema a ciência não pode menosprezar as expressões religiosas paraenses nem tão pouco as deixar de lado, porém, Racionalizar, Sistematizar, Conceituar e Organizar as ideias em torno do tema dentro dos seus limites e prioridades sem deixar seus princípios científico, mas sim refletir com a mente necessariamente aberta ao debate sem privilégios e estar “semper et Reformata.

Apresentarei os pontos que levaram a sociedade a se retirar em alguns momentos da religião, a dessacralização do estado e como a ciência não conseguir se referir como neutra por diversos fenômenos e conceitos histórico herdados culturalmente.

Mesmo a religião tendo sua fixação na cultura e na escola, a ciência com suas ideias se propõe a fazer o mesmo com sua cosmovisão, nisso fica a mesma organização lógica referida na frase “você quer ensino religioso na escola ou a sua religião”, nisto a pergunta pode ser refeita em outros pontos como “você quer discutir política, ciência, metafísica ou à sua política, à sua ciência, à sua ideia, à sua metafísica?”.



Essa pesquisa será de cunho bibliográfica abordando cenários históricos, sociológicos e filosóficos, bem como revisão de livros sobre o Protestantismo. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e explora livros, artigos, revistas, fotos históricas atuais, teses, dissertações, monografias, publicações avulsas, pesquisas e etc., das quais abarcaram o corpo deste trabalho, com a finalidade de explicar, discutir e demonstrar o assunto proposto. (Marconi e Lakatos, 2004, p. 185, 236,237).

Esta monografia dividir-se-á em três capítulos que serão o corpo do trabalho e consequentemente lhe darão sua coesão. As abordagens das obras citadas não serão exaustivas, porém, bem sintetizada e conclusiva abordando seus aspectos na sociedade e na educação.

Logicamente, nenhum dos pontos será amplamente assistido, mas sim todos convergindo para a educação e a sociedade, logo, não será nosso intuito reverberar assiduamente os mesmos. Dentro do campo da História ficará por conta de *História da Pedagogia* de Franco Cambi, (1999), e História da educação moderna de Eby (1975). O pensamento de Lutero, Comenius, Melanchton, E outros deram apresentados e discutidos no primeiro capítulo.

No século XVI, com o avanço do protestantismo nas Europa e apresentação de cartas de Lutero a alguns reinos protestantes a escola se abre no que tange ao gênero, agora meninos e meninas podem estudar juntos. Outro ponto foi a criação de novas estruturas de ensino e aspectos didáticos muitos dos quais se colocam como paradigma ainda hoje, como o princípio básico de “ensinar tudo a todos” de Comenius.

Depois disso, será apresentado alguns aspectos que levaram esta escola a se dessacralizar, ou seja, a ter princípios divergentes e distantes do religioso. Estaremos salientando alguns pontos fortes que distanciaram a escola da religião como ciência moderna e pontos filosóficos e econômicos. Diante disso, refletir sobre esses novos princípios que nortearam a escola e que ampliaram as estruturas da sociedade.

O ponto fundante deste processo chamado de modernidade é que para se retirar a religião da escola, a mesma teria de ser abordada como algo intencional, proposital e não verídico e científico, isso levou a sociedade a relação de educação à uma ideia de possível neutralidade e sem pressupostos ideológicos.

Nesse ínterim o trabalho será coberto de conceitos do Campo sociológico, na qual ficará por conta dos clássicos de , Émile Durkheim com *Formas elementares da Vida Religiosa* (1977); *Sagrado e Profano* de Eliade (1992) e Max Weber com *Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, (2004) . Com os dois Clássicos Protestantes ficará a base dos mesmos, *A Força Oculta Dos Protestantes*, de André Bier (1999) e *Enciclopédia do Protestantismo* de Pierre Gisel (2006).

O ponto fundamental deste trabalho é a discussão sobre religião e educação, que durante o período da modernidade foi criticado e os motivos que levaram a escola, da qual se beneficiava do sagrado como ponto de partida para suas finalidades pedagógicas, a se desmitizar, dessacralizar e se secularizar. Entendendo as três como processos distintos, a primeira a retirada dos mitos da escola como processo de “desconversão” religiosa, a segunda, pressupõe os conteúdos da escola como racionalizado, neste caso, dessacralizar é o processo de racionalização da escola, o Último como o processo fim de retirada da religião da escola. A neutralidade foi a organização lógica para ter um motivo de retirada da religião da escola, contudo, esta em síntese é um mito.

Por fim, compreender que o sagrado mesmo em tese longe da escola na modernidade não se separou dela, mas sim, a modernidade dessacralizou esses espaços propondo novos principio, o que na verdade foi uma troca de deuses. Isto é, organizou os mesmos espaços com uma estrutura igual, todavia, sem viés religioso.

## 2- REFORMA PROTESTANTE E EDUCAÇÃO

Dentro do campo religioso a reforma teve um grande abalo estrutural, como na economia e na política, porém, não foi somente na igreja que as coisas contundentemente foram criticadas, no meio educacional/pedagógico a instrução incorporou-se. A sociedade da época era uma espécie de mundo cristão principalmente católico e que os principais meios e veículos eram das mesmas e com a reforma os modelos foram refeitos nos países protestantes dos quais os reformadores estruturaram sua essência e isso dava sentido e sustentava tal sociedade.

Tão logo, observar tais fatos têm tido em certo aceite na academia. Textos como: Freitas e Castilho (2016); Valentin (2010); Santos (2012); Ulrich e Klug (2016); Eby (1976); Cambi (1999); Manarconda (1989) e outros os textos já escritos e que a ainda serão, expõem a reforma como um movimento que foi elementar à divulgação da escola (pública) e dos estudos. A leitura, como processo de aquisição de conhecimento foi estimulado por este movimento no qual expõe seus princípios no seu Livro Sagrado:

“A questão protestante estava diretamente ligada à educação. Em decorrência dos princípios da Reforma, há uma ênfase na obrigação à leitura, compreensão e a interpretação da Bíblia. Assim, era fundamental oferecer instrução às pessoas. Com essa ideia tomando espaço, começa a surgir a necessidade de uma educação geral e mais abrangente, já que todos deveriam ler as Sagradas Escrituras, sem distinção e discriminação, para poderem buscar a Deus em suas palavras” (VALENTIM, 2010, P. 65).

O cristianismo em si já carregava este movimento educacional herdado tanto das escrituras como do movimento religioso judaico. Dizer que a escola foi intensificada na reforma seria o correto, contudo, informar que foi criado este movimento na reforma seria uma falsa informação.

Antes desse movimento ocorria isso na idade média e com grande investimento do Catolicismo que abriu caminho para a escola em si. Foi também antes da reforma que Wycliffe começou a tomar duas novas medidas para efetuar uma modificação: iniciou a pregação às massas e empreendeu a tradução da Vulgata para o Inglês. (EBY 1976, p.13). Estas medidas demonstram o cerne de todo o sentimento dos movimentos posterior: a importância da pregação a todos os povos e o ensino da leitura das escrituras em língua própria de maneira a produzir estudantes.

Três graus de escola já existiam: Primeira, As escolas vernáculas elementares, nas quais se dividem em: Monásticas ou Claustrais; Catedráticas; escolas colegiadas da Igreja; Escolas das Capelas; Escolas de Canto; Escolas Burguesas. Segunda modalidade eram as Escolas de Hospitais, de Caridade e de Doação. Por fim, as Universidades (Studia Generalia). Esta durante o século XV obtiveram reconhecimentos cerca de 79 universidades, elas existiam com quatro faculdades: Filosofia, dentro desta compunham: matemática, ciências naturais, lógica, ética e metafísica. Direito, este se dividia em Direito Civil e Direito Canônico ou Eclesiástico. Medicina e Teologia, esta última como mãe de todas as disciplinas. (EBY, 1976, p. 17,18 e 19). Foi também antes deste movimento que cidades nos Países Baixos criaram suas escolas públicas como: “Gravesande, em 1322; Leyden, 1324; Roterdã, em 1328; Schiedam, em 1336; Delft, em 1342; Hoorn, em 1358; Haarlem, em 1389; Alkmaar, em 1390.” (Idem, p. 18).

Logo, pensar a reforma como o patamar inicial da instituição escola pública seria um erro. Cabe-nos apenas relatar as formas de instrução da época e em seu desenvolvimento posterior. Percebemos na reforma, qual se início do Protestantismo, não somente o impulso a ler as escrituras mais sim à necessidade de ler. Para isso, a alfabetização do povo é necessária e não somente está mais o ensino do mesmo em língua própria, ou seja, meios para desenvolver e sustentar tais processos e era importante o estudo. Com isso uma educação cultural de cada indivíduo.

Logicamente, não é com a reforma que o incentivo à leitura e ao estudo é posto em prática, nela este somente é intensificado. Por isso, as escolas são criadas e implantadas para o desenvolvimento da sociedade. Contudo, podemos dizer que uma justa importância tida na educação teve uma afinidade com a reforma e está contribuiu e desenvolveu modelos e estruturas de instrução capazes de tornarem um dos principais impactos na sociedade moderna.

Paulatinamente a escola se desenvolve como instituição necessária e no pensamento popular elementar. Não se pode colocar a crédito completo do protestantismo a importância da escola/processos educativos, mas sim ao Cristianismo no Ocidente sendo ele católico. Não que o mesmo tenha tido a primeira ideia sobre o tema, mas sim que ele elaborou (na cultura ocidental) um pensamento da elementar de ensinar as futuras gerações. Cambi (1999, p. 145) diz:

“A Europa, de fato, nasceu cristã e foi nutrida de espírito cristão, de modo a colocá-lo no centro de todas as suas manifestações, sobretudo no âmbito cultural. Caso exemplar é a educação que se desenvolve em estreita simbiose com a Igreja, com a fé cristã e as instituições eclesiais (...).”

Com isto, percebemos a colaboração do cristianismo que com sua visão de mundo composta em seu maior símbolo, em todas as suas facetas, a Bíblia, sendo esta o principal objetivo da educação religiosa da época seja ela no movimento católico ou protestante, dos quais elaboraram o “imaginário” europeu. Para uns um símbolo de dogmatismo e retrocesso (pensa-se em Nietzsche), para outros, esperança (pensa-se em Agostinho). De um lado ou de outro a necessidade de ensiná-lo (professor), ao povo (aluno) serve de analogia para uma composição estreita com a educação. O que difere os segmentos são suas diferentes percepções do texto.

A difusão das escrituras foi e é um processo educativo, que moveu todo um período, de diversas formas seja pintura ou ciclo pictóricos que demonstraram formas de comportamento a serem seguidos (A vida de Cristo, de Maria, de Agostinho, etc.), ou literatura como Nova Vida e Divina Comédia, em Dante, e as coletâneas de meditações junto com as poesias religiosas compõem esse imaginário na Idade Média. Portanto, vamos delimitar a importância dentro do protestantismo.

### **1.1- Os acontecimentos da Reforma**

A história é um ponto importante à sociedade. Alguns dizem que ela explica o presente, outros nos informam para aprendermos com os “erros do passado” se referindo a si. Em ambos os casos, a história global e a individual são elementares ao conhecimento humano. “Se não conhecermos a nossa história pessoal e coletiva, somos como crianças, facilmente manipuladas por aqueles que usam o passado para interesse pessoal” Lindberg (2017, p. 25).

Nossa identidade é encorpada pelo passado e com consequências no futuro. “Nossa memória é o fio que tece nossa identidade, sem passado não temos futuro (...) a memória é o que tece a identidade pessoal, enquanto a história é a linha que tece a identidade coletiva” (Idem, 24). Com esse pensamento percebemos que identidade é construção social, porém não somente isso é uma construção histórica aprendida no presente e não somente essa “tabula rasa” pensada em Locke. Os mitos passados de geração em geração estão incluídos nisso.

Geralmente ao propor o tema sobre a história da educação e seu início na modernidade alguns estudiosos como: Cambi (1999); Manacorda (1989) e Eby (1976) dedicam um capítulo

(pouco menos no segundo e três capítulos no terceiro) importante do livro para dedicar a ruptura religiosa ocorrida no século XVI e como esta influenciou na sociedade econômica, educacional e politicamente. Sem dicotomizar do contexto da educação, os autores interessados em saber o porquê desta ruptura delimitam sua pesquisa no século XVI ao que se chama hoje de Reforma Protestante.

Existem muitas facetas de interpretação da reforma nas quais partem de princípios diferentes e às vezes “temos tendência de descobrir o passado a qual nos propomos encontrar. Não porque o passado seja uma ficção intencionalmente imaginada, mas justamente por consistir em uma realidade complicada e multifacetada” (Cantor, apud Lindberg, 2017, p. 30). Sem contar a posição “científica” do historiador que pode partir, neste contexto, de dois pontos de partidas com “possíveis pontos futuros”. A primeira, História social que consiste em princípios religiosos que desencadearam em movimentos políticos e sociais e o outro seria o Histórico-social que vê nesse movimento religioso (reforma) centralidades políticas e sociais. (Lindberg 2017, p. 42). Nisto, observa-se a composição de ideias e de confusões historiográficas sobre o assunto, pois, ao partir de moldes financeiros a educação perderia seu sentido prático e tornasse-a abertamente ideológico sem precedentes nem religiosos.

São chamados protestantes aqueles, nos quais tiveram uma afinidade teológica com o monge agostiniano Martinho Lutero, mesmo não sendo em sua totalidade, no qual, protestou contra alguns possíveis malefícios que, segundo ele, estavam sendo cometida a igreja. Dentre eles as chamadas indulgências, remissão das penas de pecado mediante pagamentos feitos ao clero, e por isso afixou nas portas da igreja de Wittenberg em 31/10/1517 suas 95 teses contra essa indulgência e propondo que o 'justo viverá da fé'.

Antes, porém, importante ressaltar os pré-reformadores, dos quais proporcionaram uma primeira voz a aqueles que seriam chamados protestantes. Alguns deles são: Os Valdenses, seguidores de Valdo que viveu entre o século XII e XIII (França), John Wycliffe (1320-30 a 1384) (Inglaterra) e Jan Huss (1371-1415 (Boemia)). Sobre este último, no livro Heróis da fé de Orlando Boyer conta-se uma história, que se segue:

No cárcere, sentenciado pelo Papa a ser queimado vivo, João (Jan) Huss disse: "Podem matar o ganso (na sua língua, 'Huss' é ganso), mas daqui a cem anos, Deus suscitará um cisne que não poderão queimar". Enquanto caía a neve, e o vento frio uivava como fera em redor da casa nasceu esse "cisne", em Eisleben, Alemanha. No dia seguinte, o recém-nascido era batizado na Igreja de São Pedro e São Paulo. Sendo o dia de São Martinho, recebeu o nome de Martinho Lutero. Cento e dois anos depois de João Huss expirar na fogueira, o "cisne" afixou, na porta da Igreja em Wittenberg, as suas noventa e cinco teses contra as indulgências, ato que gerou a

Grande Reforma. João Huss enganara-se em apenas dois anos, na sua predição. (Boyer, p. 28).

Essa “profecia” (segundo os estudiosos seria um predição do futuro) compõe uma história interessante da vida desse pré-reformador.

As divergências teológicas entre os Reformadores e os Romanistas foram tornando-se insustentável. Os romanistas baseavam-se no livre arbítrio (pensa-se em Erasmo) e os reformados na eleição soberana (pensa-se em Lutero e Calvino). Outro ponto de divergência era a autoridade Papal e que este como homem poderia errar, mas como Papa era guiado pelo espírito e infalível, ou seja, algum ensino pode ser adotado como regra de fé em qualquer tempo, enquanto os reformadores destinavam seu ensino e doutrina somente aos escritos estabelecidos e recebidos pelos pais da igreja, AT e NT, sem acréscimo em tempo algum. A Tradição como interpretação das escrituras era algo a ser debatido entre ambos (Hodge 2001).

Alguns fatores externos ao movimento religioso, não sem importância, surgimento como o aumento de cidades e populacional, que sofreu abalos e foi devastada no século anterior ao movimento pela Peste Negra, safras perdidas e a Guerra dos Cem anos (1337-1453), esse crescimento estimulava a economia que estava passando da Economia Feudal para o Capitalismo. Contando também a invenção da imprensa que movimentou o mercado editorial.

Pensar na Reforma<sup>1</sup> e no protestantismo histórico dele advindo como algo que abalou e modificou as estruturas em vários campos da sociedade é importante. Antes disso, descobrir as prioridades desse movimento é elementar. O século XVI foi um século de avanços e de estruturação da sociedade moderna (Cambi, 1999). Mas também foi nesse período que, em conjunto com a renascença, propõe o conhecimento do homem em sua totalidade e complexidade. André Bier (1996) nos dirá:

Procurando restaurar um cristianismo fiel a suas origens, ela pretendia proporcionar ao mundo o conhecimento do ser humano, tal qual ele é em sua complexidade, e, sobretudo indicar a cada indivíduo as possibilidades de sua restauração, na perspectiva de uma vida política coparticipante e de relações econômicas equitativas. Propunha-se dignificar os fundamentos originais da vida espiritual, donde derivam os valores morais e cívicos imprescindíveis à boa marcha das sociedades. (p. 32).

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, o termo Reforma protestante será abordado dando ênfase aos movimentos dos protestantes no século XVI, sistematicamente, “reforma protestante” não existiu, o que houve foi a “criação do protestantismo”

<sup>2</sup> Não era somente Comenius o grande projetista dessa educação no século XVII. Outros como Wolfgang

Ao que nos parece, a princípio, o movimento não tinha intenções secundárias ao religioso, contudo, “crenças teológicas influenciavam fortemente crenças sociais e políticas, pois o mundo, no início da era moderna não era secular, o teológico afetava o social e político, tanto quanto o eclesiástico” (Whitford, apud, Barrett 2017, p. 42), logo com a adesão dos moradores, tanto camponeses como a burguesia culminou em processos diferentemente pensados. Dos primeiros teve até resultado de uma guerra dos camponeses (1524-25) e uma revolução econômica conhecida como capitalismo, não sua criação, mas sim um grande impulso.

Este movimento não teve pretensões na sociedade de maneira econômica e política, mas foi consequência destas. A religião era predominante neste período, logo, a mesma tem reflexos na sociedade. Nisso, podemos dizer que influenciou diretamente no contexto cultural da época. Isto, não foi unicamente uma revolução moral, mas com o objetivo de proporcionar ao mundo o conhecimento de si, trazendo assim um “Chamamento Individual” que produz responsabilidade humana para com o próximo. O ponto fundante além deste foi o “sacerdócio universal” dos crentes, não somente os Clérigos, mais todo o povo deveria contar a Deus por suas obras. Com isso acarreta também uma liberdade, porém, submissa (Idem, p.32-33).

## **2.2- O caráter pedagógico a Reforma.**

Talvez o ápice/início da reforma e consequentemente do protestantismo deu-se a partir das 95 teses de Lutero publicadas na porta da Igreja de Wittenberg no dia 31/10/1517. Dentre elas, algumas teses de direção pedagógica, como as que se seguem: 43<sup>a</sup>, 45<sup>a</sup>, 46<sup>a</sup>, 47<sup>a</sup>, 48<sup>a</sup>, 49<sup>a</sup>, 50<sup>a</sup> e 51<sup>a</sup> dos quais se inicia dizendo "Deve-se ensinar...". Nelas, vemos a preocupação de Martinho com o ensino dos cidadãos com as finalidades de aptidões específicas mesmo este sendo direcionadas as escrituras.

As 95 teses expõe esse caráter pedagógico da Reforma e é importante destacar dentro deste cisma religioso, com severas consequências positivas e negativas a sociedade, sua valia educacional aqui pode ser chamado de a "pedagogia da Reforma" ou em um sentido mais amplo de "Pedagogia na criação do Protestantismo" destacando a importância de meios e projetos educativos para a expansão do mesmo.

Bom destacar que a educação em dois e até mais sermões escritos em sua vida, ou melhor, "cartas" dedicadas às autoridades, são eles: "Aos Conselhos de Todas as Cidades da



Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs 1524 e Uma Prédica Para que se Mandem os Filhos à Escola”. 1530. (Lutero, 1995).

No primeiro Lutero propõe a necessidade de cristão eruditos e que conheçam as ciências, ensinar as crianças que “nascem todo o dia” para o melhor desenvolvimento da sociedade, ou seja, as escrituras deveriam ser o centro de todo o sistema educacional/instrução que fosse desenvolvido. Ele cita um ditado da época sobre um crime “*Non minus est negligee scholareum quam corrumpere virginem*” - "Negligenciar um estudante não é crime menor do que violentar uma virgem", vemos nisto o posicionamento forte do reformador acerca do tema. (Lutero 1995, p. 307)

Ora na época, dizia ele, “constatamos hoje em todas as partes da Alemanha que as escolas estão no abandono. As universidades são pouco frequentadas e os conventos estão em declínio abandono” e de maneira radical “É bem verdade: se as universidades e conventos continuarem como estão sem a aplicação de novos métodos de ensino e modos de vida para os jovens, preferiria que nenhum jovem aprendesse qualquer coisa e que ficassem mudos” (Idem, p. 306). Ele também os diz:

“De que nos valeria se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal de nossa existência: a educação da juventude? Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos” (Idem, p. 306).

Logicamente, a intenção final de Lutero é compor uma igreja e conseqüentemente um povo com bíblias na mão. Para isso, faziam-se necessários projetos educativos que desencadeariam em interferências na sociedade. “Promover a difusão da instrução a fim de que cada um pudesse ler e interpretar pessoalmente a Bíblia, sem a mediação do clero” (Manacorda, 1989, p. 194).

Essa postura de Lutero é abertamente moderna, pois, é a abertura de políticas públicas relacionadas diretamente com a educação, nisso, com a sua influência religiosa, Lutero consegue ir além de seu tempo com os pedidos de estruturas escolares.

Rompendo uma tradição da época, de responsabilidade da Igreja pelas escolas, Lutero chama a atenção das autoridades seculares, mais especificamente dos conselhos municipais da Alemanha, e as incumbe dos encargos da educação escolar; dessa forma, o sustento econômico para a criação e manutenção das escolas seria de responsabilidade das instituições políticas locais. (Barbosa, 2011, p. 870).

No segundo carta a Lázaro Spengler *Uma Prédica Para que se Mandem os Filhos à Escola*. 1530, Lutero questiona os pensamento da época sobre o estudo de que “Eruditos são

idiotas” e que “a sociedade estava dividida em eruditos e pessoas comum” (Lindberg 2017, p. 159). O mesmo diz “uma coisa é certa: quando se ajuda, estimula e encoraja crianças a irem à escola e ainda quando se contribui para tanto com dinheiro e conselho para que isso se tome possível, a isso se chama, sem dúvida, ter levado encaminhado os filhos a Cristo” (Lutero 1995, p. 330).

Neste sermões Martinho propõe aos governadores à criação de projetos pedagógicos e dentro das expansão do número de escola a manutenção das mesmas para o desenvolvimento da juventude. Nas palavras de Lutero:

Em minha opinião, porém, também as autoridades têm o dever de obrigar os súditos a mandarem seus filhos à escola, especialmente aqueles nos quais me referi acima (crianças pobres). Pois, na verdade é dever dela preservar os ofícios do estados supramencionados, para que no futuro possamos ter pregadores, juristas, pastores, escritores, médicos, professores e outros, pois não podemos prescindir deles. Se podem obrigar os súditos capazes a carregar lanças e arcabuzes, escalar os muros e outras coisas mais que devem ser feitas em caso de guerra, quanto mais podem e devem obrigar os súditos a mandarem os filhos à escola. (LUTERO 1995, p. 362).

Também se observa que Lutero procura retirar à totalidade do ensino dos poderes religiosos e colocar nas mãos do estado. Logo,

“O que ressalta nas proposições de Lutero é, portanto, o caráter estatal que atribui à educação, não somente rompendo o monopólio da Igreja Católica, como mudando as estruturas da sociedade da época ao apresentar o Estado como o responsável pela educação escolar que deveria ser para todos e de frequência obrigatória. Para ele, tanto o financiamento, organização e supervisão das escolas deveriam ser de responsabilidade pública” (BARBOSA 2011, p. 871).

A manutenção da educação pelo estado que tanto financiava a escola como o salário dos professores, é um novo modelo de educação, proposta pelo protestantismo, ou seja, publica. Não podemos com isso separar a igreja da educação, pelo contrário, a manutenção era obrigatoriamente pelo estado, mas a pedagogia ou forma de ensino, o que ensinar era religiosa. “O fato, mais importante, a respeito das primeiras escolas protestantes, foi o de que eram estabelecidos e controlados por autoridade municipal” e esta autoridade proporciona emprego e instrução para os alunos “nada mais admirável, através da história inicial da educação protestante, que o insistente acento no descobrimento de jovens bem dotados e o provimento de sua educação pública.” (EBY 1976, p. 72).

O sentido forte desta carta é a importância de profissionais para os cargos em caso de expansão das cidades. Médicos, advogados e professores eram necessários para a evolução da cidade. Então o reformador tenta estimular as famílias e a sociedade de um modo geral, “Todas essas grandes obras podem ser realizadas por teu filho, podendo ele tornar-se essa

pessoa útil, se o encaminharam para essa carreira e o mandares estudar. E tu podes participar de tudo isso, investindo seu dinheiro de modo excelente”. (Lutero 1995, p. 349).

Um ponto importantes destes dois sermões é a finalidade, ou seja, não somente os sermões em que o povo afluiu a ouvir fosse o único modo de ensinar mas também os próprios pudessem desenvolver a prática de tal leitura, e também exercessem cargos na sociedade como médicos e advogados (profissões comuns à época) já que não poderia viver sem eles.

### **2.3- A estrutura escolar na reforma**

Enquanto Lutero propunha uma educação de qualidade aos povos seu amigo Felipe Melanchthon estruturava a escola. Para o mesmo a escola também era fundamental no processo de reforma, com isso empenhou-se em propor uma didática e afirmar a escola secundária:

“Outro aspecto importante da influência de Melanchthon se dá na área da política educativa e escolar, especialmente, no que diz respeito ao estudo secundário das escolas de latim. Também nestas escolas ele empenhou-se por uma boa didática. Podemos dizer que Melanchthon foi o “inventor” da escola secundária, visando uma maior preparação para o estudo universitário.” (ULRICH e KLUG, 2016, p. 163).

Dentro deste processo, Melanchthon configurou o período que o aluno fica na escola em três classes: Primeira Classe, elas neste momento deveriam aprender a ler para enriquecer seu vocabulário memorizar algo; Segunda Classe era apresentada aos alunos a gramática e alguma fábula de maneira a dar cultura popular a eles; e a Terceira Classe, quando já apresentavam bom domínio da gramática era-lhes ensinado à Métrica, Retórica e a Dialética (ULRICH e KLUG, 2016, p. 164). Na metodologia assistida nas classes a principal era que este desenvolvia na prática de contra turnos:

“Melanchthon não se preocupou somente com a distribuição dos temas nas três classes, mas também com a estrutura de estudos do dia. Ao invés de iniciar de manhã com um novo tema, Melanchthon entendia que era melhor iniciar com um novo tema a tarde. Sugere que pela manhã os alunos deviam repetir e aprofundar o que aprenderam no dia anterior, visto que no descanso noturno, as crianças conseguiriam assimilar melhor na memória o conteúdo da aprendizagem do dia anterior”. (IDEM, p. 165).

### **2.4- A impulso literário**

Desde o início, as reformas foram acontecimentos literários que estimulam e tiveram como apoio as línguas vernáculas da época e ainda as bíblias foram importantes na normatização das línguas especialmente a Bíblia de Lutero e a Bíblia do Rei Jaime (King James, 1611) Lindberg (2017, p. 432). Cada cidadão podia ter acesso aos textos bíblicos, ou seja, com o intuito de promover a educação religiosa, ajudou na divulgação e no desenvolvimento daquela que qualquer cidadão poderia ter acesso, a educação geral. Cambi (1999) nos diz:

O movimento de reforma religiosa e cultural, iniciado por Lutero na Alemanha, que tem importantes consequências na história da cultura europeia, assume desde seu início um importante significado educativo. Seja Lutero e Melanchthon, os dois maiores representantes da Alemanha reformada também no que diz respeito ao campo pedagógico, embora com ênfases em partes diferentes, voltam sempre a enfrentar o problema educativo (p. 247).

Percebe-se a partir destes textos a relação da reforma com a educação, dos quais aquela sociedade antes sistema de trocas agora monetária e que esse rompimento ajudou a sociedade em seu desenvolvimento. Este rompimento criou um novo incentivo a uma Fé diferente da central.

A necessidade de, primeiramente expandir este novo conceito fez com que novas alianças fossem feitas e devidos os ditos problemas culturais e econômicos de separação de renda fizeram com que os camponeses, os burgueses e alguns príncipes aderiram à reforma, “Lutero ganhou o apoio do príncipe do Eleitorado da Saxônia, Zuínglio, o do conselho municipal de Zurique, e Calvino o do Conselho de Genebra”. (Lindberg 2017, p. 34)

O segundo ponto foi a vontade de expor essa fé, ou seja, “reformadores enfatizavam a educação como recurso pelo qual as pessoas eram preparadas para servir toda a comunidade” e ainda, “se o sacerdócio pertence a todos os cristãos, então todos, incluindo mulheres, devem aprender a ler”, por isto o desenvolvimento da educação em países protestantes desenvolveu-se de maneira importante, e não foi por acaso que a alfabetização ter sido na Escócia e nas regiões protestantes da Alemanha” (Idem, p. 430) dando assim uma elementar colaboração com o início de nosso sistema de educação moderno.

O ponto fundante desta afinidade entre Protestantismo e educação foi à vontade de expor essa fé aos demais, ou seja, “reformadores enfatizaram a educação como recurso pelo qual as pessoas eram preparadas para servir toda a comunidade” e ainda, “se o sacerdócio pertence a todos os cristãos, então todos, incluindo mulheres, devem aprender a ler”. Sabendo que não era uma educação neutra e nem descarregada do místico, mas sim impulsionada por

este e sendo também o motor de construção, elaboração e difusão da escola a todos. Não doravante, o protestantismo existe até hoje, pois seus dogmas e preceitos foram ensinados gerações após-gerações com a finalidade de se perpetuar no poder.

## **2.5- Comenius e a educação**

A contribuição deste homem para a educação é reconhecida e amplamente divulgada na história da educação. Seu conhecimento religioso o impulsionou a uma piedade pessoal profunda e uma humildade sem fingimento. A educação, entendida como sentido e forma da evolução da sociedade, o levaram a construção de sua Pansofia (Sabedoria Universal). Com isto, seus principais objetivos foi a publicação de uma enciclopédia do saber universal; promover a descoberta científica; e colaborar para a demonstração que ensino e pesquisa eram interdisciplinares. (EBY 1975, p. 156).

Esse ideal universal de Comenius foi catalisador para a ampliação dos modelos de ensino, este muito fortemente nutrido de ideal filosófico, político-religioso. A religiosidade está intrinsecamente ligada ao pensamento de Comenius tanto em suas reflexões educativas como em sua didática. Cambi 1999, elabora umas questões que fazem de Comenius em pensador à frente de seu tempo, a saber: a centralidade da educação no quadro de desenvolvimento social, a existência de um método universal de ensino baseado em processos harmônicos da natureza, o conceito de uma instrução para toda a vida e aberta a todos, a concepção unitária do saber e o empenho por uma educação para a paz e a concórdia entre os povos. (p. 383)

A vida em sociedade de maneira a colaborar para o amplo desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e experimentais era o plano pedagógico e foi um dos princípios educacionais de Comenius. Segundo EBY (1976), nenhum educador teve maior Fé no poder da educação de salvar a humanidade e, conseqüentemente, de fazê-la retornar à sua Divindade Original (p. 156).

O por que deste homem se interessar tanto per sistemas ou modelos de educação próprios para a educação, é o crer na capacidade de Humanização dela. O desejo de democratização do ensino, no que tange ricos e pobres, se expressa na educação proposta por este Valdense. Essa democratização (algo ainda obscuro a época) do conhecimento e da escola até a contemporaneidade perseguida, encontra um defensor no período de aristocracia.

O mesmo tem em síntese três objetivos: relacionar os alunos com o saber, a virtude e a piedade. Para isso, fornece textos bases, criar experiências e rivalidade sadia nas relações entre os alunos que podem ocasionar em aprendizagens significativas e não somente depósitos de conhecimentos.

A escola tem um papel de observação das aprendizagens e desenvolvimentos dos alunos em seus graus e etapas cognitivas de aprendizagens. Comenius, assim dividia: Infância, o colo materno (schola materna); Puerícia, escola vernácula, (schola Vernácula); adolescência, escola Latina (schola Latina); Juventude, Universidade e viagens (p. 159). “Uma escola Materna deveria existir em cada casa, uma escola vernácula em cada vilarejo e aldeia, um ginásio em cada cidade, e uma universidade em cada reino e província” (p.159)

### **2.5.1- A Escola Materna**

Existe atualmente uma procura pela valorização das crianças no início de sua idade escolar. A obrigatoriedade do ensino de 04 à 17 anos é um exemplo disso. Com isso, Comenius três séculos a frente desta proposta sobre o assunto, já relacionava a importância deste ensino nessa faixa etária. A educação completa da criança não se limitaria ao social e religioso, mas ampliaria quase a desencadear em uma educação integral, (as bases do conhecimento enciclopédico seria as observações das próprias crianças), o que abarcar todos os sentidos infantis. Físico, mental, expressional e moral completariam a educação destes pequenos.

### **2.5.2- Escola Vernácula**

Neste período, dentro do pensamento de Comenius, crianças de todas as classes deveriam frequentar essa escola. Essa parte demonstra uma dedução para a vida no mundo, ou seja, a percepção através dos sentidos, a saber, aquilo que ocorre em volta da criança, neste sentido, o aluno abarcaria seis anos no estudo de sua Língua Materna, antes de terem contato literário com o latim. A memória e a imaginação era essenciais nessa fase cognitiva do aluno. O período da escola vernácula incluiria a “leitura, escrita, aritmética, prática, canto, religião, moral, economia e política, história geral, cosmografia e as artes mecânicas” (EBY 1976, p. 162).

### **2.5.3- Escola Latina**

De modo geral seria um ampliação e conceituação das aprendizagens na escola vernácula e novas abordagens usando aquelas como bases. Infelizmente somente as classes abastadas teriam seus adolescentes nas escolas latinas. Comenius estava convencido que mesmo este aluno tendo uma profissão humilde a lógica, gramática e retórica poderiam contribuir para a formação do ser humano e não somente sua síntese no trabalho, mas na sua vida prática em todos seus aspectos.

#### **2.5.4- Universidade**

Esta era a última proposta pedagógica de Comenius em seu modelo de escola, em todas as idades. Infelizmente ainda, nesse século XVII, somente as famílias ricas introduzidas seus filhos na universidade e não somente das famílias ricas, mas entre elas os mais aptos. Pois para ser aceito na mesma era feito um exame de admissão pública e ainda uma vistoria em seu caráter moral. Como passaram por todos os estágios escolares tais alunos cultivaram o intelecto pela vontade. O papel desta universidade era promover líderes para o estado. O currículo abarcar um saber que compreenderia vários conceitos de sabedoria e experiências humanas, e as viagens transbordaram o saber. Logicamente, não era a intenção da universidade que tudo fosse aprendido em suas minúcias, até por que a ciência estava em desenvolvimento à época.

#### **2.6- A concepção pedagógica de Comenius**

Em todos essas etapas da vida escolar, Comenius à interliga com o senso religioso dele, ou seja, sua cosmovisão de mundo está intrinsecamente exposta na sua pedagogia, seus pontos de vista são claramente abordados e esclarecidos no que tange sua religiosidade. Nas palavras de Cambi 1999:

A concepção pedagógica de Comenius baseia-se num profundo ideal religioso que concebe o homem e a natureza como manifestações de um preciso desígnio divino. Para Comenius, Deus está no centro do mundo e da própria vida do homem. Com esta base se esclarece a forte carga religiosa que atravessa seus projetos de reforma da sociedade e da escola, assim como seu ideal irônico de pacificação entre os homens e a própria referência à liberdade das igrejas em vistas da construção de um cristianismo universal. Toda construção pedagógica de Comenius é, de fato, característico por uma forte tensão mística que sublinha seu caráter ético-religioso e a decidida conotação utópica: a educação neste quadro é a criação de um modelo universal de “homem virtuoso”, ao qual é confiada a reforma geral da sociedade e dos costumes. (p. 286).

Toda sua concepção pedagogia então, estava baseada na sua percepção de construção de uma sociedade e mais que isso, uma concepção antropológica do homem, ou seja, aquilo que ele é, pode ser e será, de onde veio e quais suas funções na terra. Dentro de toda concepção pedagógica necessariamente necessita de uma concepção de homem e sua visão deve ser global.

## **2.6- O abandono da pedagogia protestante**

É importante refletir sobre uma questão fundamental deste trabalho. A relação do protestantismo com a escola. Lutero tem um ótimo impulso a políticas públicas e Melanchthon estabelece etapas e pontos importantes dentro da faixa etária dos alunos e ainda a estruturação do currículo desta escola. Ainda temos Comenius<sup>2</sup> como o grande exemplo de construção de uma pedagogia voltada para fins de construção de uma sociedade. Logo, os reinos protestantes adaptam e se alegram com a construção de escolas para alunos e precisamente da profissionalização dos alunos.

Não diretamente ligado, mas como uma simples analogia, a Alemanha como berço da reforma e dessas políticas públicas com Lutero, doou ao mundo grandes intelectuais e filósofos como, Kant, Froebel, Heidegger, Marx, Nietzsche, etc. alguns promoveram mudanças significativos no mundo e seus livros até o presente momento constituem parte dos posicionamentos do homem.

Como foram abandonados estes métodos na história e como os mesmos se tornaram inclusive um atrapalho à população? Em sua busca por saber e na construção de sua sociedade o homem se propõe a rever seus conceitos básicos e procurar novas formas para se viver. Deus não é mais necessário na escola dos séculos posteriores a reforma o homem agora é o centro de tudo. O mesmo propõe uma vida voltada para si e aqueles que se propõe uma

---

<sup>2</sup> Não era somente Comenius o grande projetista dessa educação no século XVII. Outros como Wolfgang Raltke (1571-1635) que elaborou um ideal pansófico se baseando em três pilares, a saber: natureza, a graça e as línguas) e seu ponto fundante é que deve-se ensinar seguindo o curso da natureza e procedendo do simples ao complexo. Nisso todo o conhecimento deve ser atingido através da indução e da experimentação. Johann Heinrich Alsted (1588-1638), concordando com Raltke, ele pensa que a educação é o meio que se realiza no mundo a vontade de Deus, ou seja Deus é o fundamento e o princípio de todo saber. Outro importante pensador é Johann Valetin Andreae (1586-1654). Sua ótima contribuição foi ao opor-se às técnicas mnemônicas e pedantescas em uso das escolas da época e favorecendo uma aprendizagem que ligue as palavras com as coisas e parta da língua materna. (Cambi 1999, p. 283).



construção diferente que construa sua própria moldagem escolar. O Estado<sup>3</sup> como senhor feudal do homem, propõe uma nova forma de vida baseado na tolerância às diferenças e essa nova forma ética e moral de vida retirou a religiosidade da escola e o nome a que se dá este fenômeno de dessacralização é modernidade. O Homem agora é “independente” da Deus, ou talvez somente o substituiu por outro. Enganando-se a si mesmo.

---

<sup>3</sup> Referência aqui a construção ocidental de sociedade que em alguns casos assumiram a Democracia como regime social. Não pensando no estado como ente vivente mais governado pelo homem.

### **3- A SAÍDA DO SAGRADO PARA O SECULARISMO**

Com a finalidade de explicar os fenômenos que ocorrem na humanidade, o mítico se propõe a explicar a partir de seus princípios lógicos e de estruturas de pensamento na qual pressupõe as primeiras explicações a humanidade sobre fenômenos na natureza e a morte.

#### **3.1- Conceituando Religião**

A princípio, vamos de destacar o significado de religião e suas características verdadeiras. De maneira nenhuma a intenção deste trabalho será diluir um assunto tão vasto em poucas páginas, contudo, de sintetizar. Na abordagem do livro “As formas elementares da vida religiosa” de Durkheim, o autor não necessariamente trata do de uma religião própria, mas sim, caracteriza “tudo aquilo o que é indispensável a qualquer religião e que sem estas coisas não à existiria”. (Durkheim, 1996).

Procurando conhecer o início das religiões, a estratégia do autor é procurar nas religiões primitivas, das quais tem uma grande diferença com as atuais: uma menor complexidade. Esta, não é gerada no princípio da religião pelo contrário, é um processo milenar em que de acordo com as necessidades de resposta em suas determinadas épocas, os indivíduos participantes desta e se expõe a tentativa de explicação de fenômenos que com o passar dos anos tornaram-se compêndios teológicos das mais diversas esferas e partindo dos mais diversos princípios, com a finalidade de sistematizar, conceituar e singularizar a sua religião, porém, complicando assim a tarefa do pesquisador.

A necessidade obrigou os homens a sintetizar seus pensamentos sobre fenômenos da natureza como relâmpago, enchentes, e desastres naturais, e particularmente das grandes perguntas: quem sou eu? por que existe algo em vez de nada? da onde viemos? para onde vamos depois daqui? etc. Em detrimento disto, percebemos algo importante: “foi a ciência e não a religião que ensinou aos homens que as coisas são complexas e difíceis de compreender” (Idem, p. 09).

Devido essa complexidade, sintetizar as religiões, segundo o autor, parte primeiramente daquilo que ela não é. O sobrenatural e o divino não necessariamente compõem todas as religiões. O primeiro, seria uma ordem das coisas que ultrapassam o entendimento humano, por isso, lhe é atribuído o sentido de “milagre” e necessariamente

demonstra sua existência. Por isso. “À religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo que escapa à ciência” (Idem, p. 05).

O mundo é um conglomerado de onde se encontra inúmeras espécies de animais, vegetais, e seres vivos, e que naturalmente o homem gostaria de alguma explicação para a essas existências, com isso a religião torna-se um campo de explicação e representação das matérias e também daquilo que está acima delas. Não necessariamente, a ideia de sobrenatural é algo imprevisto, mas sim, além disso, dos quais quebre as barreiras da natureza.

Possivelmente o homem mostrou interesse neste mistério por ser inalcançável ao seu pensamento, isto é, uma maneira mais “adequada” a sua consciência perturbadora por eventos extra externos e representá-los. (Idem, p. 06). O intuito da mesma não é expor o que é sobre humano e esporádico, e sim, aquilo que é contínuo, constante e regular (Idem, p.10). Por motivos de ser algo esporádico e a religião precisar de algo contínuo e constante o sobrenatural pode ser o dispensável na religião.

O segundo ponto, daquilo que não representa necessariamente a religião é o divino ou a divindade. Trocar estes termos citados por seres espirituais ou sujeitos conscientes seria uma importante colocação, pois nem todas as religiões veneram um Deus ou algo semelhante a um ser maior que eles, sendo assim, segundo o autor, caracterizar a religião com uma divindade suprema não faz muito sentido. O Budismo clássico é o exemplo proposto. O que professa tal “é um ateu no sentido de desinteressar-se a questão de saber se existe ou não Deuses” ou ainda “a religião vai além da ideia de deuses e espíritos”.

Então afinal o que caracteriza uma religião de maneira clássica? Segundo o autor, seria “um sistema mais ou menos complexos de mitos, dogmas, ritos e cerimônias” (Idem, p.18). Portanto, as categorias fundamentais são os *Crenças* e *Ritos*. A primeira, um estado de opinião e a segunda modos de ação determinadas pela primeira. Tão logo para falar de Ritos temos que exemplificar as Crenças.

Berger (1969), aborda a questão da fundamentação do homem com o mundo, ou seja, sua relação dialética com a natureza e a sociedade. Em seu juízo, o autor comenta os três elementos essenciais, a saber: exteriorização, objetivação e a interiorização. Nas palavras dele:

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se

defronta com seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a desapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através a interiorização que o homem é um produto da sociedade. (Berger 1969, p. 16).

Esses processos ou passos da existência humana são cabalmente explicitados na vida contínua do homem em sua relação consigo e com o mundo. Esse “pôr se” em equilíbrio, que o autor comenta no livro, demonstra o poder do homem diante das situações no mundo, parece que ele tem poder de acabar com a pobreza e ao mesmo tempo aumenta-la. Isto é, o homem constrói seu próprio mundo. Concomitante com o pensamento de Berger (1969), o homem sendo um ser “inacabado” biologicamente em comparação com os outros seres, cria uma realidade daquilo que lhe falta. O autor chama isso de Cultura. E essa consiste na totalidade dos produtos do homem, alguns materiais outros não. (Berger 1969, p. 19).

A sociedade e tudo aquilo que nela se exprime, segundo Berger é uma criação humana, o homo sapiens é um animal social. Em síntese, ele (homo sapiens) vive em coletividade, e a individualidade o faz se perder no tempo, com isso a construção de uma sociedade é um empreendimento coletivo. Neste sentido, os costumes de uma sociedade são repassados pelas gerações, e esse é um problema de aprendizado em meio à socialização.

A religião neste caso também é um empreendimento humano pelo qual se estabelece um mundo sagrado<sup>4</sup>, e este dá sentido à vida do homem e ao que parece somente através dele (sagrado) foi possível ao homem conceber um cosmo. Por isso a religião teve fundamental amparo na construção do mundo e da sociedade, ou seja, a escola, o comércio, as atividades humanas foram em síntese realizações em conjunto com a religião. O autor nos dirá:

A religião representa o ponto máximo da auto exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo. (Berger 1969, p. 41).

Partindo deste princípio acima citado, a religião procura demarcar espaços através da sistematização de conceitos básicos acerca do sagrado e com isso a propagação destes revestisse do ato educacional, isto é, ao passar de geração a geração de maneira a perpetuar sua ideia. A educação seria um eixo principal de divulgação desses ritos e crenças, logo, a

---

<sup>4</sup> Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem, todavia, relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos de experiência. (Berger, 1969, p. 38).

mesma faz parte do sistema religioso, inclusive de qualquer ciência, sendo esta entendida como algo religioso. Para tanto, o mundo moderno diverge deste pensamento e a modernidade é justamente o processo contínuo de desmistificação ou desencantamento da sociedade e a corporação de novos métodos de explicação. Estes métodos são perpetuados na educação.

No estado moderno, na Antiguidade ou na pós-modernidade, ambos tem seus métodos de explicação destes fenômenos e seus próprias visões de mundo nas quais incorporados como contextos históricos ou de explicações históricas se sobressaem sobre outras e homogeneizar a educação em seu período e conformam a sociedade a esta forma de pensar, isto é, conquistam mentes e corpos como soldados propulsores dos pensamentos mais divulgados. Todos estes, em todas as épocas tem uma intencionalidade intrínseca com a finalidade de reformar o pensamento ao modelo de moral e comportamento.

### **3.2- Introdução à Era Moderna**

Neste momento estarei desenvolvendo uma ideia importante em contexto pouco pesquisado na Pedagogia, a saber: a relação da modernidade com o desencantamento do mundo e está entendida como a saída do período teológico, em que tudo na sociedade era sacro e em que a educação, antes entendida como o repasse de conhecimentos morais e do mundo agora, terá novas proposições e objetivos. Nossa finalidade é descobrir os direitos conquistados, entre eles a educação, durante muitos anos e sabendo disso, procurar os motivos que levaram a desmitificar a educação engloba algo muito maior e complexo que foi o período da modernidade.

No pensamento de Cambi (1999), a era moderna se desenrola no final da Idade Média que era uma composição estática da sociedade, autoritária e tendencialmente imodificável e essa nova forma tem como principais fatores sua laicização econômica (passagem do sistema Feudal para o Capitalismo) e sua mudança política (a saída dos senhores feudais, Papa e Reis para os estados nacionais que ainda podem ser governados por Reis).

As rupturas da modernidade também reconstruíram um novo ideal de sociedade e foi principalmente a radicalização do pensamento social ao Homem e a Cidade. E não somente isso mais especificamente em âmbitos Geográfico (deslocamento do eixo do mediterrâneo para o Atlântico, do Oriente para o Ocidente); Econômico (nascimento ou efetivação do Capitalismo); Político (nascimento do Estado Moderno); Social (afirmação de uma nova

classe, a Burguesia). Do ponto de vista ideológico e cultural obtiveram duas revoluções: Laicização e Racionalização.

Logicamente todas essas revoluções implicaram em mudanças de paradigmas na educação, a saber: a formação de um novo homem com novos valores e novas diretrizes, sua nova fé agora é em si mesmo (*sarepe aude*) (Cambi 1999, p. 196,197). Em síntese novas ideologias e valores estão pressupostos neste período da modernidade:

"Tudo implica e produz também uma revolução na educação e na pedagogia. A formação do homem que segue novos itinerários sociais, se orienta segundo novos valores, estabelece novos modelos. A reflexão sobre esses processos de formação vive a transformação de um sentido laico e racional que interessa à ideologia e a cultura, isto é, a visão de mundo e organização dos saberes. Opera-se uma radical virada pedagógica que segue caminhos muito distantes daqueles empreendidos na era cristã (destinados a formar o homem para *Civilis Dei*, definindo no sentido ético-religioso em não ético-político ou prático; delineadas nítida e rigidamente pelo magistério da igreja; articuladas de maneira diversa para várias ordens sociais-oratores, bellatores, laboratores) que reativaram sugestões- sobretudo teóricas- da antiguidade e da sua *Paidéia*, vista como uma livre formação em contato com a cultura (retorna-se Platão e sua República, mas também Plutarco e suas Vidas, além dos mestres da retórica e de sabedoria, desde Epicuro até os Estóicos). Segue-se o modelo de *Homo Faber* e do sujeito com indivíduo, embora ligando-se a "cidade" e depois o estado, potencializando a sua capacidade de transformar a realidade e de impor a ela uma direção e uma proteção, até mesmo a da utopia." (CAMBI 1999, P. 198).

A educação em si é pensar um modelo "utópico" de sociedade a ser planejado, com a finalidade de propor uma nova construção social de classes e ética sociais. Ou seja, a modernidade foi o nascimento de uma nova ordem revolucionária que propõe a saída de um paradigma para a construção de outro nos moldes citados acima.

O início do processo de modernidade (1492-1789) se defronta com o paradoxo da liberdade. Ou seja, construir um modelo de organização social pautado na liberdade do indivíduo e ao mesmo tempo traçando limites e estes produzidos pela ação do governo. Ou seja, esse período se propõe a libertar o homem, a sociedade e a cultura de ordens e limites, fazendo viver de maneira completa essa liberdade, contudo ao mesmo tempo em que se propõe a isso, a modernidade tenta organizar esse processo de liberdade com o moldar profundamente o indivíduo segundo comportamentos pensados articulados para esse novo homem (CAMBI 1999, p. 200).

Todavia, completar essa liberdade no que tange a sua vida na sociedade não se propõe ao homem, fazer absolutamente tudo o que o mesmo se propõe a fazer, mas sim, articular sua liberdade com a ética deste novo mundo. Essa cosmovisão da modernidade separou o sentido do sagrado (que são as amarras do homem, da qual sem se separar não seria possível à

liberdade) do homem, com o propósito de libertá-los. Entretanto, se deparou com este paradoxo.

Com isso, primeiramente, o que vem a ser a modernidade? Junior (2010, p. 31) destacando um texto de Hans Ulrich Gumbrecht (1978)<sup>5</sup>, destaca três pontos acerca deste termo: primeiro, referente a “presente” em oposição ao “anterior”, o segundo é o de “novo” em oposição ao de “velho” e terceiro como um “período transitório” em oposição ao “eterno”. Logicamente, como percebemos, a modernidade refere-se a objetivos de emancipação do indivíduo, em relação ao “passado” (Religião), “velho” (Teologia) e “eterno” (Deus).

Dentro da modernidade concebe-se o homem como ser autônomo e responsável por si sem a dependência divina. Logicamente, a religião não foi totalmente retirada do povo e nem este se separou dela, o ponto aqui é uma tentativa de criação de uma cosmovisão que detém o homem como centro e o divino na esfera do privado sendo que suas responsabilidades são admitidas como uma moralidade subjetiva e a opinião comunitária de todo não deve ser levada de modo extremo.

Ernst Troeltsch (1865-1923) em seu ensaio sobre a *Essência do Mundo Moderno* (1907), comentado por Mata (2008), demonstra como entender este período transitório e de tentativa de separação do sagrado. O mesmo elabora a divisão dos em três pilares do mundo moderno: Estado, Individualismo político e capitalismo.

No primeiro, tem sua maior ênfase na divisão da igreja com o estado. As ideias antes aceitas de maneira causal e normal passou a ser revista e muito criticada, uma espécie “de mudança no campo das ideias”. A Igreja Católica que predominou durante muito tempo, tem agora com as ideias Iluministas, um início laicidade do estado e o advento da modernidade tem seu poderio ameaçado e a sua unidade desfeita. Com isto, o Estado passa a reconhecer que o indivíduo não pertence a ele e sim ao contrário. Alguns pontos caracterizam isso muito bem.

O primeiro, a alteração radical dos seus mecanismos de legitimação, que ele chama de *Diessseitigkeit*, ou seja a promoção de movimentos e ideias somente no campo terreno e em nada metafísico e transcendental, com isso nada que vá além do compreensível e físico é

---

<sup>5</sup> Conceitos Básicos Históricos: *Historisches Lexikon zur politisch-social sprache in Deutschland* é um 1972-1977 publicado pelo manual de história conceitual *Klett-Cotta Verlag* em oito volumes, com a participação do mesmo. O texto não encontrado em português, por isso nosso destaque está em Junior (2010).

aceito. O segundo é o racionalismo. Para o homem moderno o estado, na ideia do autor, torna-se o provedor elementar das necessidades do povo e isto de maneira racional e imanente em lugar da “irracionalidade divina”. (p. 238).

Contudo, devido o homem ter essencialmente, nessa época ainda um grau de sacralidade, o estado com sua provisão não foi capaz de produzir valores e verdades (visões de mundo) comuns capazes de satisfazer este novo ser político. A falta de unidade foi um fator primordial para tal fato. O autor dá ênfase na instância educacional que foi com sua estatização (Hegel), com a finalidade de produzir esses pontos de verdade indispensáveis na sociedade. Isso, foi para transformar o estado em uma “totalidade de cultura e da razão”.

O outro ponto deste tripé seria o *individualismo político*. Com a divisão da igreja, dessacralização do estado e a ideia de moral subjetiva, compuseram problemas na estrutura da sociedade. Esta liberdade política e racional, divide-se, segundo o mesmo, em Irracionalidade e racionalidade. A primeira, impõe limites ao controle do estado (talvez a ideia de estado mínimo) com uma democracia da liberdade. O outro, pressupõe que as atividades do estado em si não afetam drasticamente e notadamente a sociedade e com isso não contrapõe a liberdade do indivíduo, sendo esta uma democracia de igualdade. (p. 238)

O terceiro ponto fundante da modernidade foi o *capitalismo*. Como os indivíduos políticos em suas “democracias” não conseguiram se mobilizar em prol de verdades e ideias comuns, a modernidade produziu um fator que ganhou este destaque por sua individualidade econômica. O capitalismo na sociedade da época produziu impulsos de consumo exagerado e sempre querendo o próprio bem estar sem com isso se preocupar com finalidades sociais ou seja, cria-se um “colossal materialismo prático”. Sem a esfera do divino, toda a confiança se põe no indivíduo e sua ciência. Os cultos nas religiões passaram a ser o culto à ciência e os deuses os cientistas. Uma auto idolatria, eis aí o “estado de espírito do homem moderno.” (p. 239).

Este, segundo o autor, era os alicerces da sociedade moderna. Nele ainda pensa-se em um edifício cultural da sociedade e logicamente com suas especificidades e as esferas; jurídicas, científica, crítica, relativa, artística, filosófica e religiosa. O despontar, ou seja um ponto forte mas não totalmente elementar desta sociedade com liberdade teve contribuição da reforma. Contudo está, não teve como finalidade última isto porém foi efeito de sua forma secundária. “Embora a Reforma Protestante propicie uma das rupturas fundamentais, ao lado



da conquista do Novo Mundo, para periodização da história moderna, não seria correto afirmar que os reformadores sentiram-se como pessoas “modernas”.” (Ferreira 2008, p. 28).

### **3.3- Protestantismo e Modernidade**

Contudo é importante salientar que durante os séculos subsequentes à reforma, grandes teólogos de cunho protestantes se embasaram nesse novo mundo de ideias em espécie de Teologia Liberal, encontrando nas obras de Paul Tillich (1886-1965) e Karl Barth (1886-1968). A teologia protestante tendeu a finalmente a organizar-se de uma neo-ortodoxia segura em si, militando por uma independência incondicional a igreja e a teologia em nome dessa modernidade e dos direitos individuais ali abarcados, conseqüentemente isso foi um pouco criticado pela igreja ortodoxa, pois a outra interpreta a sua maneira. (Enciclopédia, p. 1208).

As tendências teológicas protestantes se dividem acerca da modernidade. Alguns entendem que a modernidade trouxe uma liberdade de consciência da era moderna sendo este, segundo seus adeptos, um desmembramento da Reforma, assim também como possivelmente foi um dos caminhos para Revolução Francesa.

A “revolução” protestante não se realizou in toto; mas, como movimento popular importante, conseguiu impedir, por exemplo, o triunfo da Contra-Reforma na Alemanha. Na França, predominou o catolicismo, mas o próprio catolicismo não pôde impedir o desenvolvimento do iluminismo, que abriu caminho para a revolução de 1789 (a qual, para Gramsci, teve precisamente o papel de substituir a Reforma protestante na França). (Kebir, 2003, p. 149).

Necessariamente os fatos históricos corroboraram para um esclarecimento dos ocorridos nesta época. A reforma, como processo religioso que refletiu na sociedade, teve sua contribuição para a afirmação do homem com seu presente na história e consistente em seus acontecimentos.

Os acontecimentos-chaves históricos para o estabelecimento do princípio da subjetividade são a Reforma, o Iluminismo e a Revolução Francesa. Com Lutero, a fé religiosa tornou-se reflexiva; na subjetividade, o mundo divino se transformou em algo posto por nós. Contra fé na autoridade e da tradição, o protestantismo afirma a soberania do sujeito que faz valer seu discernimento: a hóstia não é mais que farinha, as relíquias não são mais que ossos. (Habermas 2000, p. 26).

Porém, outros denunciam este processo das luzes como uma apostasia do verdadeiro cristianismo. Este caráter da modernidade atinge o próprio protestantismo e sua teologia, essa modernidade não foi totalmente aceita na perspectiva ortodoxa. (Enciclopédia, p.1206). Contudo, este não é nosso ponto aqui. Podemos resumir este ponto da modernidade com o

pensamento de Valdinei Aparecido Ferreira em sua Tese de doutorado descrita como: Protestantismo e modernidade no Brasil (2008). Dispõe dois momentos/pensadores para o bom entendimento deste período.

Primeiro, John Locke em suas Cartas sobre a Tolerância e sua boa pretensão de razoabilidade de pensamentos e a influência deste em todos. A tolerância, seria algo importante para filosoficamente ter uma auto compreensão moderna. A religião em si que tendo seus efeitos das guerras do século XVII (Guerras dos trinta anos) precisava segundo Locke de uma boa dose de tolerância. O pensamento dele em si, não que as religiões e seus possíveis dogmas diferentes produzem guerras mas sim a falta de Tolerância. (Ferreira 2008, p. 30). O outro escritor que seria importante segundo Ferreira é Kant. A compreensão do mundo segundo este dar-se-ia de acordo uma pergunta feita a si: que é este presente ao qual eu pertencço? O sentido de pertencimento ao mundo a partir de uma comunidade e de forma individual.

“Esclarecimento (Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso do seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. [...] Sapere aude! Tenha coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (Aufklärung)” (Kant, 1984 p.100).

A influência deste “esclarecimento” é importante para o entendimento deste período histórico. O pensamento de si e o ousar pensar por si próprio, a criar estratégias de sobrevivência na sociedade e este desejo de compreensão de sua época. A importância deste é notória e muito sentida até hoje. É importante salientar que Ferreira concluiu que a modernidade na economia é Capitalista, na Filosofia é Feminista, na Política é um estado laico e na religião Protestante. (p. 44 - 47).

É difícil precisar a importância do protestantismo nesse processo até porque os mesmo tem divergências sobre o tema. Contudo autores concordam sobre sua relevância no processo de construção do indivíduo e com isso a conquistas de Direitos Humanos como Habermas (2000) “que aborda como um acontecimentos chave para o estabelecimento da subjetividade em comparação com a Revolução Francesa e o Iluminismo” (p. 26); podemos supor também que dentre os direitos conquistados estão a democracia e a educação que podem ter tido uma colaboração importante deste precioso evento que foi a Reforma protestante e consequentemente o protestantismo em seus vários discursos teológicos.

### **3.4- Weber e o Protestantismo**

Max Weber (2004) em seu livro “Ética protestante e o espírito do capitalismo” aborda que concomitantemente com a Renascença, a Reforma desestruturou o sentido de vida da sociedade e na posição de Weber não foi somente uma eliminação da religião predominante (Os romanistas), mas sim a substituição por uma mais eficaz. O protestantismo analisado por Weber em sua obra de maneira alguma pode ser analisado com o atual, que em suas muitas vertentes e manifestações não condiz com este comportamento ascético dos protestantes do livro, tão pouco, como o próprio Weber nos lembra, não se compara ao dos reformadores como Lutero, Calvino e Knox (Weber, p. 38, 2004).

O autor resume a sua pesquisa a quatro grupos, são eles: Calvinismo, Pietismo, Metodismo e algumas seitas. Os mesmos não são isolados, comungam de pontos em comum e suas diferenças resultam outras manifestações. O que chama atenção de Weber e ele aborda no começo do livro: Está claro que a participação dos protestantes na propriedade do capital, na direção e nos postos de trabalho mais elevados das grandes empresas modernas indústria e comerciais, é relativamente mais forte, ou seja, superior à sua porcentagem na população total... (Idem, p. 30).

Este Comportamento dos protestantes chama a atenção e de forma simples resultam de duas razões: a primeira, Herança de Posses, uma boa quantidade de cidades ricas converteram-se ao protestantismo trazendo assim uma certa vantagem econômica construída historicamente e passada por gerações. A segunda, uma Educação Dispendiosa.

Se percebe nisto o comportamento dos protestante (religioso) e sua relação com a educação no sentido proposto pelo autor para formulação de sua pesquisa. A mística religiosa dos mesmos resultam numa ‘Ética’ inculcada pela educação religiosa em seus templos e demonstrada em suas relações com os outros que não professam a mesma fé.

Se pode dizer o seguinte: esta ‘ética’ produzida nos ensinamentos da comunidade religiosa produz também (em parte) O ‘espírito’, que complementado pelo autor, do Capitalismo. Este termo deveras conhecido e criticado e não nascente na comunidade protestante mas que ganhou muita força com este movimento devido seu comportamento e desta “benção dívida” produzida pelo trabalho e conseqüentemente com inúmeras interferências na sociedade. Denominado de “individualidade Histórica” pelo escritor este espírito “é um complexo de conexões que se dão na realidade histórica e que nós encadeamos conceitualmente em um todo, do ponto de vista de sua Significação cultural” (Idem, p. 41, 2004).

Esta tal disposição retoma a ideia de educação ou melhor processo educativo dos protestantes. O instinto educacional desses indivíduos propõe o sentimento da época e a notória dessacralização e a ampliação do trabalho como benção de Deus e propõe assim uma racionalização do mesmo. O trabalho concebido como é hoje é importante a sociedade moderna, contudo, a ideia de trabalho como benefício para si mesmo e sua família é uma construção que teve uma boa colaboração deste asceticismo protestante. A profissão como dever perante Deus e a sociedade com o intuito desta divindade ser glorificada é um dos pontos desta ética religiosa.

Contudo, diferentemente da ascese medieval que recusava ou se privar do mundo, está aqui é uma ascese intramundana da qual concentra toda sua força psicológica aos prêmios religiosos como estímulo ao trabalho e o seu desempenho compreendido como graça divina. (Idem, p. 6).

Mediante este ponto a concentração final desta ética, indivíduo, que influência a os outros ao redor dispõe ao mundo moderno um ser humano crítico de si mesmo e individualista por” natureza”. Este indivíduo liberto das amarras da tradição é o alfa e ômega de tudo que associamos com modernidade ocidental, como mercado capitalista, democracia, ciência experimental, filosofia, arte moderna etc. Junior (2010), dirá:

“É na Ética Protestante que a teoria da modernidade de Weber se apresenta de maneira mais completa. O texto explica o domínio da racionalidade instrumental na sociedade moderna como um produto da secularização da ética protestante puritana de controle do corpo e domínio do mundo exterior. Aqui temos uma teoria da gênese histórica da modernidade, de ética de uma minoria religiosa a espírito de uma época.” (p. 37).

A modernidade é um contrassenso dentro da tradição protestante. O movimento que se desencadeou a reforma e do renascimento no século XVI, ganhou enorme força com o capitalismo e conseqüentemente uma relativa comunhão com o protestantismo e sua doutrina da sempre glória de Deus. Partindo desse princípio, Max Weber (1884-1920) elabora seu clássico. Neste, seu objetivo é demonstrar a afinidade da ética produzida nos sermões e livros dos protestantes com o capitalismo. Essa máxima descoberta no título do livro condiz com o escrito, contudo, não somente isso: o livro demonstra uma nova ordem mundial, ou seja, observar o mundo nas entrelinhas da ótica divina e seu relacionamento com o mundo a partir dos preceitos de Deus.

#### **4- O HUMANO E O SAGRADO**

A educação moderna, construída historicamente, é necessariamente herdeira de conhecimentos e até mesmo estruturas de conhecimentos próprios da religião. Os modernos se propõem a desencantar seus espaços em que convivem e projetar seu próprio mundo refazendo o ato da criação dos deuses (cosmogonia) projetos, política, conteúdos específicos, etc. A escola também se propõe a isto, refazer suas estruturas separando-se do sagrado. Todavia, desde sua estrutura física até à autonomia dos professores a escola está coberta da relação com o sagrado e pelo simples fato de que a sociedade e a escola são derivadas do sagrado.

Um lugar apropriado, conteúdos específicos, oratória e livros, espaços de dispensar os conteúdos, aconselhamento, lugar de descoberta, reorganização da vida, e outros. A escola tenta construir e levar seu cosmo assim como o Poste sagrado era carregado por todo o lugar em que os Alchipas peregrinavam (ELIADE , 1996, p. 35). A escola se constitui como um espaço não muito diferente de uma igreja Ocidental, um orador (Professor/Sacerdote) e espectadores (membros/alunos).

O homem moderno se coloca em um lugar de repensar suas crenças, a adaptar sua fé e a reestruturá-la de acordo com seus novos motivos, seus planos para religião a ser seguida e com isso começa a regularizar o mundo e conseqüentemente os espaços em que habita como a escola.

É importante ressaltar algo: “O homem a-religioso descende do *homo religiosos*, queira ou não, é também obra deste, constitui-se a partir das situações assumidas por seus antepassados. (IDEM 165). O homem moderno que se sente e se pretende a-religioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados”. (IDEM p. 166). Ou seja, o homem moderno é resultado de um processo de dessacralização da existência humana. (IDEM p. 166).

Seguramente, como o ser- humano tenta reconstruir gradativamente seu espaço, talvez ele esteja procurando ou tateando algo além de si ou no mínimo está procurando estar mais perto do Centro do mundo. E o centro do mundo pode ser seu próprio lugar de repouso. Sua casa. (IDEM p. 49). Quando o ser humano reconstrói seu espaço e recria sua realidade, como dito, refaz a obra dos deuses (cosmogonia) e ao mesmo tempo procura se organizar sem ele. Na verdade, talvez ele só queira certa distância e a retirada do modelo de sacralidade talvez por alguma decepção ou dificuldade de entender e não necessariamente seu rompimento. Segundo Eliade (1996) o novo homem assume uma nova posição:

Reconhece-se como o único sujeito e agente da história e rejeita todo apelo à transcendência. Em outras palavras, não aceita nenhum modelo de humanidade fora da condição humana. O homem faz-se a si próprio, é só consegue fazer-se completamente na medida em que se dessacralizar e dessacralizar o mundo. O sagrado é um obstáculo por excelência à sua liberdade. O homem só se tornará ele próprio quando estiver radicalmente desmistificando. Só será verdadeiramente livre quando estiver matado o último Deus.” (p. 165).

Com essa coerência o autor nos delimita um problema de direcionamento na vida. Ou seja, a vida humana foi um dia voltado desde suas relações mais íntimas ao sagrado, direcionada a ele e em torno dele e agora o moderno propõe sua vida somente a si mesmo com suas próprias regras e deleites, não podendo viver sem os “ciclos da vida” propostos pelo sagrado.

Exemplo disso é o porquê de o ser humano saber que matar o semelhante é algo errado. Ou então, roubar, mentir, retirar de outro sem permissão algo que não lhe pertence. Os registros de crimes e o senso de justiça, a troca de objetos religiosos (livros sagrados) por constituições cidadãs são exemplos de dessacralização que o homem realizou em seu mundo e em seu lugar e talvez a própria filosofia seja uma secularização da Teologia. Eliade (1979) comenta algo interessante para nossa discussão dentro do espaço de imagens e símbolos, o homem moderno se apega em momentos de turbulência com o fim de consolo e autossatisfação, ele dirá:

“o Homem moderno é livre de desprezar as mitologias e as teologias, mas isso não o impedirá de continuar a alimentar-se de mitos decadentes e de imagens degradadas. A mais terrível crise histórica do mundo moderno - a segunda guerra mundial e tudo o que ele desencantou com e após ela - demonstrou o suficiente que a extirpação dos mitos e símbolos é ilusória. Mesmo na situação histórica mais desesperadora (nas trincheiras de Estalinegrado, nos campos de concentração nazis e soviéticos), homens e mulheres cantaram romanzas, ouviram histórias (chegando a sacrificar uma parte de sua magra ração para a obterem) esta história não faziam, mas que substituir os mitos, esses romances estavam carregados de nostalgias.” (ELIADE, 1979, p. 19,20).

Certa galeria de filmes muito comum no âmbito religioso hoje é a chamada “Deus não está morto”. Três são os filmes com este título e em ambos as referências da secularização do pensamento, de espaços e organizações. No primeiro filme de Cronk (2014) um estudante universitário religioso se propõe a estudar direito em uma Universidade americana e nela ele encontra um professor de filosofia um tanto autoritário que em seu primeiro dia de aula comenta que todos os alunos devem escrever em um papel a frase título do filme e logo que este tende a não fazer aquilo, o conflito de ideias está posto<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Isto aqui é algo muito comum nas universidades brasileiras, o grande número de religiosos nas universidades e às vezes certo número de professores parecido a estes do filme e esse fenômeno tende

No segundo filme de Cronk (2016) uma professora em sala de aula no momento de sua exposição ao ser perguntada por um aluno sobre um texto de sua religião e ao comentar com ele sobre, a denúncia por um possível proselitismo religioso em sala de aula. Indo assim aos tribunais procurando comprovar sua inocência e a relatar o ocorrido<sup>7</sup>. Ela acaba indo a júri popular e uma grande sessão de perguntas e respostas acaba por se abrirem a publico.

No terceiro, filme de Mason (2018) se passa em uma Universidade fundada por religiosos e depois de anos comprada parte das suas terras pelo governo a fim de construir novas salas de aula. Se tornando assim mesclado o governo na Universidade com uma igreja no centro. O conflito ocorreu no momento em que alguns alunos se propõem a dizer que o estado é laico<sup>8</sup> e logo não deve prevalecer nenhuma religião. Com isso o governo se propõe a comprar a igreja e o problema é que a igreja tem 180 anos, fundou a Universidade e como um marco na cidade não pretende sair.

Esses conflitos refletem bem a modernidade: alunos, professores, políticos, humanos procurando sua identidade. E em prol de um bem comum negligenciar a alguns a possível liberdade. Um aluno no primeiro filme, a professora no segundo e com um Pastor e sua igreja histórica no centro da universidade no terceiro compõe uma lógica interessante a ser abordada neste trabalho, a saber, a tentativa de secularizar e retirar o sagrado do mundo. Isto é, reorganizar o mundo partindo de um princípio e uma finalidade diferente daquela dos antigos, contudo, com a mesma estrutura, regras, leis, fundamentos éticos e morais, entre outros só que de maneira secular, ou seja, uma religião sem deus e princípios sem religião.

Se fechar e encobrir essa realidade do sagrado também é uma forma ideológica de compreensão do mundo. Além de ideologia, política e proposital. Direcionar a vida de acordo com concepções prévias herdadas historicamente, sem ele nem mesmo perceber isso, também pode ser denominado de estrutura de poder.

Nos novos moldes da modernidade, a religião continua perdendo seu espaço nos âmbitos institucionais, porém, continua firme nos padrões de consciência e de releitura de mundo. A ciência torna-se predominante no âmbito político escolar e econômico. A

---

a entrar em conflito em algum momento seja por discussões filosóficas, políticas, ideológicas ou partidárias.

<sup>7</sup> Algo a ser visto com frequência no futuro próximo com aprovação de leis que visam falsear essa liberdade. Logo, necessariamente, esse conflito estará bem explícito na escola.

<sup>8</sup> Temos um problema comum aqui. Um estado Laico não é aquele que promove a não religião ou o ateísmo, mas sim, que não faz prevalecer nenhuma. O problema não é ter uma igreja, templo, capela, terreiro, ou algo do tipo em uma universidade. O problema é esta igreja não se prevalecer doutrinariamente no âmbito pública.

funcionalidade dos métodos científicos transforma a dependência dos homens da divindade à sua submissão a ciência, ou seja, uma troca de deuses. Tendo a ciência e técnica como nova divindade, a racionalidade como estrutura lógica da fé e os métodos científicos e seus resultados como os livros sagrados. Zilles (2008) dirá:

As modernas ciências conduziram o homem a um novo comportamento racional perante a realidade. A ciência e a técnica conferem ao homem a possibilidade de se tornar, cada vez mais, o senhor da realidade, de planejá-la, dirigi-la e conformá-la racionalmente. O resultado é um mundo cada vez mais hominizado e secularizado. Isso significa que o homem não só se desliga de padrões de agir e de categorias mentais de cunho religioso e metafísico, mas as questiona à luz de sua razão. (p. 42).

A modernidade e a religião compõem um antagonismo próprio, a desmitização, a secularização, o desencantamento do mundo, esses são processos dados e organizados possivelmente na modernidade. Todavia, a religião prossegue seu curso, não por instituição pública ou por denominação religiosa, mas na consciência dos homens.

A religião, seja em forma pervertida ou original, não morreu nas ditaduras marxistas nem na burguesia materialista. O que mudou, no processo de secularização, é seu lugar institucional. Processos de secularização são processos nos quais diminui o compromisso político com normas religiosas institucionais na doutrina e na vida. A religião, em sua essência, permanece intocada, pois persiste a consciência de nossa contingência, sobretudo em relação ao problema da morte. Por isso, a afirmação de que toda a religião foi superada tem caráter ideológico. É feita, muitas vezes, onde a conduta religiosa incomoda em relação a certas exigências políticas e sociais. (IDEM, 2008, p. 44).

#### **4.1- Berger e a Secularização**

Uma contribuição importante para nosso estudo encontra-se no livro de Peter Berger *Dossel Sagrado*. Na tese do autor sobre o processo de secularização moderno ao qual ele entende como retirada ou diminuição do poder religiosos em ambientes público, podem ser encontradas raízes na própria religião, mas precisamente no pensamento protestante e antes dele no judaísmo na época de Moisés e do Antigo Testamento. Contudo, no pensamento do mesmo, não foram dimensões diretas proposta pelas ideias religiosas, mais sim, causas naturais ao seu desenvolvimento ideológico. Berger (1969) entende secularização como:

Por secularização entendemos o processo pelo qual os setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das igreja cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da igreja e do estado, expropriação das terras da igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo. Quando falamos em cultura e símbolos, todavia, afirmamos implicitamente que a secularização é mais que um processo socioestrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura, e, sobretudo na Ascensão das ciências, como perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo. (p. 119).



Apesar de a ciência ter contribuído para secularização, o autor propõe que não somente a reforma e a renascenças foram contribuintes, mas os pontos da saída do povo do Egito e o relato da criação que incorpora elementos importantes. O protestante neste caso diminui o elemento sagrado do mundo, deixa de rezar aos mortos com isso retira os três pontos importantes: o mistério, o milagre e a magia. Ele vive num mundo “fechado ao sagrado” (Idem, 1969, p. 124).

Entendendo que o povo israelita estava em uma “cosmologia” assim como os outros povos, porém, com elemento um tanto diferentes destes povos. O primeiro e o segundo mandamento, do conhecido decálogo, é interpretado na época como uma retirada total de qualquer politeísmo e separação total de quaisquer imagens sagradas, isso, refaz a confissão do povo criado na mesopotâmia e escravo no Egito por 400 anos levando este povo por meio de Moisés a rever sua fé.

O descrédito aos deuses do Egito, e a fé no deus sem rosto de Moisés, levou o povo a dessacralizar seu espaço, isto é, a retirar a magia do meio do povo. O universo sagrado trás segurança ao indivíduo, mas o secular o faz afirmar somente em si, e neste caso somente em um Deus sem rosto. Berger (1969), dirá:

Esse êxodo israelita prototípico não foi apenas um movimento geográfico e político. Na verdade, ele constituiu uma ruptura com todo um universo. No coração da religião do antigo Israel jaz o repúdio veemente das versões egípcia e mesopotâmica da ordem cósmica, repúdio esse que foi estendido à cultura indígena pré-israelita da Síria e da Palestina. As “panelas de carne do Egito”, das quais Yahweh tirou Israel para conduzi-lo ao deserto, representam acima de tudo a segurança da ordem cósmica na qual estava arraigada a cultura egípcia [...]  
O antigo testamento postula um Deus que está fora do cosmos. Esse cosmos foi criado por Deus, e eles se defrontam, mas não se permeiam. (p. 128).

A própria formação social da igreja serviu a esse processo, pois, a concentração da religião na esfera do privado e do templo reduziu o restante ao “mundo”, ou seja, algo fora a parte e até mesmo com outro governo o que deu independência para ele. Em todo o caso, parece um pouco estranho a religião causar a secularização da própria, mas não foi este o caso, a religião cristã contribuiu para um mundo dessacralizado, contudo, foram fatores externos. Fatores internos foi a retirado da magia, das imagens sagradas, das apreensões da natureza, da adoração aos céus que agora podem ser visto por astronautas, dos mares que agora podem ser desbravados, mas nisso, perdeu-se a visibilidade do sagrado no mundo e contribuiu a secularização. Foi um tiro em seu próprio pé.

Nisso, observa-se algo, mesmo com a ajuda do cristianismo em alguns pontos no processo de secularização, o homem cristão em momento nenhum é secular, na verdade somente é uma troca de representações. O sagrado nesse instante é absorvido somente no recebimento da graça divina na exposição das escrituras. Ora, a função agora do sagrado neste homem é inteiramente uma fé naquilo que ele observa (entendendo o mundo como criação de Deus, salmo 19) e naquilo que seus sentidos sensoriais captam (Fé).

Isso não é diferente da função do cientista, a pesquisa começa no momento em que um problema ou uma “pista” é encontrado na sua observação, e logo, suas experiências se iniciam. Assim como o religioso, o cientista acredita no que está realizando e sua vida agora é moldada por esses paradigmas. Sua visão agora está relacionado com aquilo que vê e acredita que verá mesmo que seja impossível de se cumprirem ele acredita.

Tendo a discordar do autor por motivos básicos e lógicos de seu texto. Para isso se faz necessário uma pequena explicação. O autor coloca o protestantismo e o judaísmo primitivo em conjunto com a forma da igreja como um processo de secularização. Apesar de o autor concordar com Weber (2004) acerca do desencantamento do mundo, ele o coloca num processo diferente. Weber coloca o Calvinismo, dentro do protestantismo, com aquele que ajudou no desencantamento do mundo moderno, isto é, a retirada da magia do mundo, seu encanto religioso, todavia, não como secularização (esse termo quase não aparece em sua obra), entende esses termos como diferentes.

Diferente do desencantamento, a secularização é um espaço de retirada da religião por completo e não somente da magia da religião. Segundo Pierucci (1998), existe uma diferença entre ambos os termos mesmo concordando que secularização se encaixa perfeitamente na obra de Max Weber. O autor relata que desencantamento é a eterna disputa da religião com a magia e a secularização é a disputa da modernidade cultural com a religião. Se entender como Berger o assunto neste ponto seria a religião retirando a ela própria. O protestantismo tirando a si mesmo de cena. Um tiro em seu próprio pé. Apesar de o protestantismo, o judaísmo e a criação da igreja retirar a magia tendo-a como algo distante, os mesmos não perdem o senso de sagrado e devoção, pelo contrário ele é ampliado e é recriado de uma nova forma. Ou seja, apesar de não ter esse momento de devoção pela magia, eles a reencontram numa transcendência individual (orando em seu quarto como ensinado por Jesus) e coletiva (orando em conjunto no templo). Isso necessariamente não retira o material desse exemplo de religião.

#### **4.2- Uma Ciência Religiosa.**

Durkheim (1996) aborda a questão das religiões e de sua força de ação na vida das pessoas. Toda sua pesquisa está no postulado de que as formas representativas e lógicas da religião não são diferentes e nem inferiores às das experiências científicas.(p. 461). Muito pelo contrário a própria ciência tem uma gênese religiosa. Isto é, na medida em que a especulação religiosa crescia e se relacionava com a sociedade que é sua alma, se foi necessária uma ampliação lógica daquilo que era experimentado. Ou seja, necessitaria de fé naquilo que estava fazendo.

Diferentemente dos outros animais, os humanos têm a capacidade de idealizar um mundo plausível, que faça sentido, é ele encontra, segundo o autor, a materialidade na religião. Na medida do seu relacionamento na sociedade, o homem, elabora a religião. Conceituado: a religião, portanto, longe de ignorar a sociedade real e de não levá-la em conta, é imagem dela, reflete todos seus aspectos, mesmo os mais vulgares e repulsivos. (DURKHEIM 1996, p. 464). Esse idealizar seria substituir o mundo da realidade por um mundo diferente ao qual ele se eleva em pensamento e se introduz nesse mundo, vive nele, se situa moral e espiritualmente nele.

O autor faz uma pergunta importante: de onde lhe vem, pois, esse singular privilégio? (Idem, 1996, p. 465). O mesmo não reduz essa resposta a ciência mas sim a religião que acrescenta a realidade essa função humana. Pensar sobre isso, leva a uma subjetiva resposta. O homem analisa está frase e sua idealização e a leva ao campo da verdade relativa. Cada homem tem a resposta ao problema e isso sim é um caráter absoluto. De onde vem esse sentimento humano?

O caráter básico da religião, pensando como a professora Marilena Chauí (1999), se situa numa função ideológica da realidade, isto é, “fugindo de uma realidade material” e assim como Espinosa (1988) a religião é uma espaço de dominar as multidões. De fato, o extremismo religioso leva a “reinos religiosos”. Todavia, diferente do senso comum universitário, a ciência também tem seu caráter ideológico e logo dominador, seu extremismo também leva a uma fase de dominar as multidões. As essências de ambos não são diferentes. Como pode a religião negar a ciência? Como a ciência pode negar a religião? Talvez pelo simples fato ideológico de ambos. Sendo a religião, o sagrado, um sistema de dados fatos e fatos são os objetos da ciência e portanto realidade social, poderia a ciência negar a realidade? (DURKHEIM, 1996, p. 476).

A ciência se propõe a conceituar e organizar logicamente aditivos verdadeiros ou com grande possibilidades de verdade com o fim de receber credibilidade. Facilmente encontrar em antagonismo com a religião como por exemplo as ideias complexas do criacionismo e evolucionismo ou então na simplicidade do comportamento acerca da vida. Porém a ciência, diferente da religião está longe do impulso do agir. Não explica os motivos da morte, da doença, os desastres naturais e outros, tendo como não confortar a sociedade, isso acaba se tornando lugar da religião e seus mitos.

No mundo secular, a necessidade de afirmação do individual passa pelo selo científico, os cidadãos precisam conformar suas opiniões a isso pois a percebe como algo neutro e serem pretensões, contudo, esse selo não é diferente da bênção de um líder religioso, pois para fazer ciência se precisa de fé. (IDEM, p. 487). Por isso, longe de se determinar um conflito entre ciência e religião é preciso ter em mente que ambos os processos são empreendimentos humanos que representam uma realidade experimental e vivida e na verdade derivam de uma mesma fonte. A universalidade, isto é, o homem consegue viver não somente para si mais racionalmente com o outro.

## CONCLUSÃO

Talvez nada daquilo que foi exposto era novo, contudo, a lembrava de fatos passados refletidos à luz do presente comporta uma força incondicional de mudança. A percepção do sagrado com a educação tem uma relação contínua de reciprocidade, ambos procuram seu espaço na sociedade e talvez com o tempo ambos se tornem segmentos secundários à sociedade moderna. A natureza da escola de reorganizar e sistematizar os conhecimentos recebidos na história compõem a gama fundamental de conteúdo a serem apresentados na mesma. Contudo, como apresentamos estes conteúdos, aqueles que apresentamos e outros que foram menosprezados, ambos, corroboram de acordo com os princípios seguidos de nossa própria vontade. O coração humano escolhe e rejeita conteúdos e momentos possíveis na escola.

Dentro deste parâmetro, a reforma produziu um novo ar na educação pública e essa contribuição corrobora na sociedade, pois, dentre outras funções, o movimento reformado produz escolas e sistemas de ensino básico e superior. O sistema Mackenzie de ensino e as escolas batistas reproduzem tais conceitos baseados na dignidade humana. Nisto, como pesquisa inicial de um trabalho que pode ser longo, podemos acrescentar na sua devida proporção e limites o espaço laico da escola pública e o respeito às privadas ditas confessionais.

Como apresentado neste trabalho de contribuição a História da educação o fato de os sistemas públicos tem sido ampliados consideravelmente na tradição protestante e organizado com Comenius, Melanchthon, Lutero e outros que colaboraram para à educação moderna no que tange a didática e a estrutura da escola.

Vale ressaltar a escolha que política que a escola tem, pois necessariamente ela é política. Ela não contém, ela é. Ao priorizar algo em detrimento de outro forma-se nossas verdadeiras intenções. A secularização encontrada neste trabalho se reflete de fato na universidade e em seus círculos de ensino, repensar o modo como ela discute a religião é algo a ser revisto.

Esse estudo não é muito religioso? Essa é a pergunta na introdução deste trabalho e a resposta a essa questão é que todo trabalho, artigo, monografia, tese, é outros é carregado de uma função básica da religião: a crença. Talvez essa pesquisa não tenha sido feita antes pelo

pouco volume de trabalhos no Brasil e do baixo interesse nessa questão, nisso, se concluí que a História da Educação deve rever o século XVI.

A dificuldade desta pesquisa foi encontrar matérias próprios sobre a Reforma do século XVI que fosse produzida na academia, existem apenas citações, como se a Universidade tivesse se esquecido do ocorrido ou simplesmente quis esquecer ou na verdade prefere não pesquisar e dar um passo longo da história da educação pulando esta etapa. Obviamente, a escola pública não se inicia na reforma protestante, mais nela existe um impulso considerável a qual se tentou abordar, é da qual a precisamos estudar.

Outra dificuldade foi perceber a fina linha que separa a dessacralização da escola da secularização da mesma. Apesar de termos parecidos, ambos têm conotações diferentes e na escola não foi diferente. Primeiro era necessário separar a escola da religião (dessacralização) e esse não é definitivamente um problema, todavia, quando a mesma difama e desconstrói seus pontos de vistas por princípios ideológicos e partidários ocorre então a secularização da escola. Mais precisamente, a total negação do qualquer princípio religioso como agressivo ao bem comum.

O ponto importante de se posicionar está claro nisso, pois, a neutralidade na educação deixa a desejar, sabendo que em ambos os casos desde as políticas públicas a atuação do professor existe uma camada de arcabouços teóricos historicamente herdados e produzidos ao longo de sua vida que influenciam em sua vida e conseqüentemente em sua aula. Isso não é o problema, antes é o proselitismo político/religioso/ideológico que tais políticas assumem.

Necessariamente, essa pesquisa tem seus limites. O tempo é maior desafio dos trabalhos acadêmicos obrigatórios, pela preocupação com ele acabamos perdendo possíveis achados interessantes na pesquisa seu desenvolvimento talvez não se torne completo. Outro ponto dos limites foi a falta de conhecimento de uma língua estrangeira o que limitou a pesquisa em seu início.

Neste sentido, alguns questionamentos ainda ficam abertos, a saber, como no mundo contemporâneo a religião, apesar de ser significativa na vida das pessoas, não encontrar espaço no mundo? Ou melhor na escola? Como seria uma escola com neutralidade como a proposta na Escola sem Partido? É possível transmitir conhecimentos sem a opinião direta do professor?

Posto isso, a pesquisa foi algo que no início do curso já estava decidido que seria feito por minha parte, as ressalvas e desconstrução de determinados mitos acerca das influências externas na escola era meu alvo. A religião, posteriormente a possível neutralidade e em seguida ideologia, são os pontos fundantes das escolas nos últimos 500 anos. Pensar na escola em uma pesquisa sem esses pontos seria um erro. Com isso, a escola deve aprender a se posicionar e explicar seu real papel a comunidade, que não é somente distribuir conhecimentos matemáticos e linguísticos, mais sim discutir a si próprio. Se reinventar. Se reformar.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. Estado e Educação em Martinho Lutero: a origem do Direito à Educação. **Caderno de Pesquisa**, v.41, n. 144, p. 866-885, 2013.

BERGER, Peter Ludwig. **Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Paulinas, 1969.

BIÉLER, André. **A força oculta dos protestantes**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BOYER, Orlando. **Heróis da fé**. CPAD-Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2014.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Unesp, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. Brasiliense, 1999.

DE FREITAS, Josué Ricardo Menossi; CASTILHO, Ricardo. A função social do direito à educação e sua influência por meio da reforma do século XVI. **Revista do Pensamento Jurídico**, v. 8, n. 2, 2016.

Deus não esta morto, v. 1. HAROLD CRONK. **Graça Filmes, indústria cinematográfica cristã**. 2014. 1 DVD.

Deus não esta morto, v. 2. HAROLD CRONK. **Graça Filmes, indústria cinematográfica cristã**. 2016. 1 DVD.

Deus não esta morto, v. 3. MICHAEL MASON. **Graça Filmes, indústria cinematográfica cristã**. 2018. 1 DVD.

DURKHEIM, Émile. Conclusão. IN: **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução: Paulo Neves. 1996.

EBY, Frederick. **História da educação moderna: teoria, organização e prática educacionais**. Editora Globo, 1975.

ELIADE, Mircea; FERNANDES, Rogério. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea; TAMER, Sonia Cristina; DUMÉZIL, Georges. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. 1979.

HABERMAS, Jürgen. A consciência de tempo na modernidade e sua necessidade de auto certificação. IN: **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. 2000.



HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. Editora Hagnos, 1991.

JUNIOR, João Feres. Introdução a uma crítica da modernidade como conceito sociológico. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 15, n. 2, p. 28-41, 2010.

KANT, Immanuel. **Textos selecionados**. Abril Cultural, 1980.

KEBIR, S. “Revolução-restauração” e “revolução passiva”: conceitos de história universal, In: Coutinho (Org.) **Ler Gramsci, entender a realidade**, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Thomas Nelson, 2017.

LUTERO, Martinho. Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. **Obras Selecionadas**, v. 5, p. 302-325, 1995.

\_\_\_\_\_. Uma prédica para que se mandem os filhos à escola. **Obras selecionadas**, v. 5, p. 326-363, 1995.

MATA, Sérgio da. Religião e Modernidade em Ernst Troeltsch. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, p. 235-255, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 13, n. 37, p. 43-73, 1998.

SOUZA, Jessé. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 13, n. 38, 1998.

SPINOZA, Benedictus de; TIerno GALVAN, ENRIQUE. Tratado teológico-político (selección): Tratado político. Tecnos, 1996.

ULRICH, Claudete Beise; KLUG, João. Felipe Melanchthon (1497-1560): o pedagogo da reforma protestante, patrimônio da educação. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 8, n. 24, p. 149-170, 2016.

VALENTIN, Ismael Forte. A Reforma Protestante e a educação. **Revista de Educação do Coei-me**, p. 59-70, 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZILLES, Urbano. A crítica da religião na modernidade. **INTERAÇÕES**, v. 3, n. 4, p. 37-53, 2008.

## **BIBLIOGRAFIAS RECOMENDADAS**

LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas, v.5, 1995.